

**Campo**   
Centro de Assessoria ao Movimento Popular

  
35 ANOS

# 1987 - 2002

## Uma história em Campo







Centro de Assessoria ao Movimento Popular

1987 - 2002

Uma história em Campo



**1987 - 2002**  
**Uma história em Campo**

Uma publicação do  
**Campo – Centro de Assessoria ao Movimento Popular**

Rua Paulino Fernandes, nº 77 – Botafogo  
Rio de Janeiro – RJ – Brasil  
CEP 22270-050

campo@campo.org.br – www.campo.org.br  
Telefax: (55) (21) 2275-4037

Todos os direitos reservados

**Textos e Revisão**

*Alexandre Bebiano*

**Produção Editorial**

*Francis Bossaert*

**Agradecimentos**

*Alexandre Bebiano, Alexandre Grabas, Ana Cristina Venâncio, Arquimedes Celestino, Carlos Cavalcanti, Claudia Bernardino, Cristiano Camerman, Cyrce Andrade, Dayse Valença, Eduardo Baptista, Elisângela Mendes, Elizabeth de Almeida, Francis Bossaert, Hector Watté, José Carlos Dionizio, Leana Fagundes, Leonardo Lima, Luciana Silva, Luiz Celso França, Lutz Taufer, Marco Antonio Coelho, Marcos Gentil, Maria Emília Pinheiro, Maria Marta Diniz, Marta Loyola, Maura Nogueira, Mônica de Oliveira, Mozart Chalfun, Neide Higino, Renata de Oliveira, Ricardo Corrêa, Roberta da Rocha, Ronaldo Soares, Rosângela Silva Ângelo, Teófilo Cavalcanti, Valéria Gonçalves, Wanda Rodrigues, e a todos os colaboradores dos grupos assessorados.*

**Editoração Gráfica**

*Gaia Comunicação Ltda.*

# Apresentação

**C**aro(a) amigo(a) leitor(a),

Está nas suas mãos uma publicação que consideramos muito especial. Este retrato dos 15 anos do Campo não pretende ser completo, nem esgotar a história, pois isto seria impossível. Procuramos, sim, reproduzir da forma mais fiel possível os principais assuntos que marcaram a nossa trajetória.

A princípio, pensamos em fazer um jornal. Porém, pela quantidade de matérias produzidas e a importância do documento, decidimos partir para este formato. Estamos conscientes da possibilidade de ter esquecido nomes, grupos e fatos significativos, mas a nossa caminhada no túnel do tempo nos levou a este resultado.

A escala cronológica foi talvez o que mais nos fez pensar, refletir, suar... Escolhemos uma forma diferente, optando pelo ano em que os projetos mais se destacaram ou marcaram a instituição, simbolizando desta forma a longa caminhada.

Esperamos que este trabalho receba um lugar especial na sua estante ou em qualquer outro lugar da casa, e que você, cara leitora, caro leitor, possa se identificar com essa história.

*Francis Bossaert e Alexandre Bebiano*

# Sumário

Introdução	Qual o próximo <b>desafio</b> ?	5
1987	Solidariedade marca a <b>fundação</b> do Campo	7
	As quatro <b>sedes</b> do Campo	13
1988	Projeto <b>Brinquedotecas</b> surge na Rocinha	15
1989	Campo inicia na Rocinha a criação dos <b>Centros Comunitários de Formação Profissional</b>	19
1990	Trabalho com <b>creches</b> marca o início do Campo	23
1991	<b>Capacitação</b> é uma das forças do Campo aos grupos populares	27
1992	Campo incentiva cooperativismo para a <b>geração de trabalho e renda</b> dos grupos assessorados	31
1993	Campo e grupos promovem <b>Encontrões</b> para troca de experiências	35
1994	Campo faz administração de qualidade em <b>Cemasis</b>	37
	Boletim <b>Campo em campo</b> surgiu há 8 anos	40
1995	Campo apóia a criação do <b>Comitê para Democratização da Informática</b>	42
1996	Campo participa da criação do <b>Balcão Sebrae</b> e da <b>ACIBRO</b> na Rocinha	43
	1º Encontro de <b>Planejamento Estratégico</b> marca trajetória do Campo	46
1997	Campo comemora aniversário de <b>10 anos</b> em seminário com grupos assessorados	48
1998	Centros Comunitários de Formação Profissional criam <b>Rede</b> para unir forças	50
1998	<b>Delegação vai à Alemanha</b> para mostrar trabalho dos Centros Comunitários de Formação Profissional	54
1999	Projeto <b>Telessalas</b> aumenta escolaridade em comunidades de baixa renda	57
2000	Campo aposta na <b>educação ambiental</b> e cria centro em Nova Iguaçu	60
	Campo faz acordo histórico com o <b>IBAMA</b>	64
	Seminário trata dos <b>500 anos do Brasil</b>	66
2001	Campo e Centros apostam na <b>Rede de Centrais de Serviços</b> para gerar trabalho e renda	67
	Campo e Rede promovem <b>Plebiscito Popular</b> sobre reserva de vagas nas universidades públicas	71
2002	Campo mobiliza e capacita moradores no projeto <b>APD Rio</b>	72
	Cumprimentos pessoais de <b>Fritz Pfeiffer</b> pelos 15 anos do Campo	74
	Missão de solidariedade – Entrevista com <b>Cristiano Camerman</b>	76
	É muito bom ter você em <b>nossa caminhada</b>	81

## Qual o próximo desafio?

**N**a celebração dos 15 anos do Campo, impossível não associá-la ao ciclo de vida que nos move, move as coisas, as instituições e o próprio universo. Faz 15 anos, o Campo era um pouco mais que um gérmen, um começo de vida pouco estruturado, mas apto a crescer e diferenciar-se para originar uma organização dinâmica e complexa. Como em um fenômeno químico, um cristal que era colocado em um líquido para provocar a cristalização ao seu redor. O Campo tem muitos defeitos, mas uma virtude cultivada ao longo dos anos os supera e atenua as falhas: não se conter no lugar estabelecido, estar em busca do próximo desafio. Uma virtude que a juventude dos seus 15 anos torna mais visível e sedutora, mas que, para os próximos 15, lhe apresenta o desafio da necessidade de escolhas, da reprodução e da maturidade.

Novos desafios em um mundo em plena transformação, onde a educação e a formação profissional estão no centro do movimento. Pela frente, vamos viver uma quadra da história humana sem grandes certezas, de mudanças permanentes e abandono de fórmulas que em algum momento se julgou definitivas, acabadas e até dogmáticas. Vivemos um tempo em que o velho não terminou de acabar, o novo não acabou de nascer. O paradigma industrial já não consegue responder aos anseios da sociedade, pois perdeu a capacidade de inclusão, que mesmo desigual, justificou concessões e alimentou esperanças.

O paradigma informacional que emerge no horizonte seduz pela força avassaladora da tecnologia, acena com o potencial ilimitado da pesquisa científica, mas também exclui social e economicamente. Vivemos entre os dois e é nessa arena, como organização social formadora de jovens, que o Campo é chamado a participar ativamente da elaboração de um novo modelo de desenvolvimento econômico, social, ambiental, mas principalmente a firmar valores, a construir justiça e riquezas e a gerar uma outra sociedade.

No entanto, caminhar à frente significa não perder a dimensão dos passos dados, da história construída. Porque, entre outras coisas, ela nos ajuda a compreender a grandeza - às vezes, as limitações - das nossas escolhas. Não existe modelo a ser seguido ou planejamentos definitivos, mas se pode apontar para os 15 anos de histórias e vivências do Campo e de sua gente, dos valores cultivados, da busca de coerência nas escolhas, na perseverança. E, principalmente, na coragem de nunca estar vencido. Uma obra em permanente construção. Hoje, um degrau além do que se estava ontem.

Portanto, não podemos aceitar um modelo de desenvolvimento e de sociedade que exclua. Sob pena de também sermos excluídos no futuro. Somos, o Campo e sua gente, desafiados a romper com essa lógica; somos chamados a pensar iniciativas ousadas, a não ter medo de buscar o novo, o desconhecido. Com persistência, sempre.

Nos próximos 15 anos, somos chamados também a construir valores éticos, a gerar uma outra sociedade, a sonhar com mais justiça e igualdade! Parabéns!

***Eduardo Baptista***

*Sócio do Campo*

*Outubro de 2002*

## Solidariedade marca a fundação do Campo

No dia 1º de outubro de 1987, às 20h, na Avenida Alexandre Ferreira, nº 318, na cidade do Rio de Janeiro, era realizada a reunião que oficializaria a constituição do Centro de Assessoria ao Movimento Popular – Campo. Estava sendo institucionalizada a vontade de fortalecer grupos de base em comunidades de baixa renda do Grande Rio de Janeiro, para a melhoria da qualidade de vida e a construção de uma cidadania mais ampla.

O Campo nasceu com a idéia de dar continuidade ao trabalho do movimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). "Queria continuar com o trabalho na Rocinha, só que de forma mais independente. E aí eu comecei a pensar no Campo", relembra Cristiano Camerman, ex-jesuíta e que então chamou alguns amigos e foi em busca de recursos. Ele tornou-se o coordenador da instituição, assim como permanece hoje em dia, participando da coordenação colegiada do Campo.

Mas a história de criação do Campo tem outros personagens além do idealizador Cristiano Camerman. Ao seu lado, participaram algumas pessoas fundamentais para a instituição estar fazendo 15 anos. Uma delas é o arquiteto Ricardo de Gouvêa Corrêa, hoje coordenador da Fundação Bento Rubião e da

## Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (Abong) - Regional Sudeste.

Ainda em 1985, Ricardo e Cristiano trabalhavam na Universidade Santa Úrsula, em Laranjeiras, e tinham uma trajetória de atuação em comunidades de base, tendo como filosofia a Teologia da Libertação. Cristiano, na Rocinha, e Ricardo, no Morro da Pedreira, na Pavuna. Tempos depois, uma conversa entre os dois faria a idéia do Campo ir da teoria para a prática. "Eu fiquei animado, porque não existia nenhuma instituição com esse perfil", comentou Ricardo Corrêa.

Ricardo lembra ainda que no final de 1986, as primeiras reuniões eram em sua casa, já que a filha Paloma era recém-nascida. Na oportunidade, os convidados para se tornarem sócios do Campo debatiam questões de legalização da instituição. "Nós começamos a contatar pessoas para discutir estatuto e isso levou quase um ano", relembra. Ricardo cita ainda o nome de alguns fundadores do Campo. "A Gelba Cavalcante, a Marta Loyola, a Cyrce Andrade, o Cristiano, eu, minha esposa Cibele, o Juan Enrique, a Teresa e o Teófilo Cavalcanti...", rememorou alguns dos sócios.

Marta Loyola conheceu Cristiano na década de 70, na Rocinha, onde ela nasceu e trabalhava com grupos populares. Marta lembra da reunião dos fundadores. "O grupo inteiro não se conhecia, mas acho que todos conheciam o Cristiano, que foi o elo dessa primeira rede do Campo. Alguns de nós trabalhávamos em organizações não governamentais ou órgãos públicos e tínhamos críticas quanto ao papel do agente externo, das ongs existentes e do Estado nas comunidades. Iniciamos uma série de conversas paralelas, que resultaram numa reunião de fundação do Campo", comentou.

Estavam presentes no dia 1º de outubro de 1987, Carlos Alberto Steil, Cibele Gonçalves Azevedo Corrêa, Cyrce Maria Ribeiro Junqueira de Andrade, Gabriel Selong, Gelba Cavalcante de Cerqueira, Isabel Cristina M. Carvalho, José Martins Pinheiro, Lúcia Beatriz Coutinho da Costa, Marta Lucia Magalhães Loyola, Teófilo Artur de Siqueira Cavalcanti Neto, e Tereza Maria Pompéia Cavalcanti.

Após o Estatuto ser aprovado por todos, foi feita a eleição dos integrantes da Diretoria e do Conselho Fiscal pelo período de um ano. Por unanimidade, foram eleitos Carlos Alberto Steil como diretor-presidente; Juan Enrique Diaz Bordenave, como diretor vice-presidente; Marta Lucia Magalhães Loyola, como

tesoureira; e Cyrce Maria Ribeiro Junqueira de Andrade como secretária-geral. Para membros efetivos do Conselho Fiscal, foram eleitos Gelba Cavalcante de Cerqueira, Gabriel Selong, e Teófilo Artur de Siqueira Cavalcanti Neto. Para suplentes, Cibele Gonçalves Azevedo Corrêa, Tereza Maria Pompéia Cavalcanti, e Lúcia Beatriz Coutinho da Costa.

A reunião foi encerrada quando "o presidente ofereceu a palavra a quem dela quisesse fazer uso e como ninguém a solicitasse, e nada mais havendo a ser tratado, declarou encerrados os trabalhos e lavrada esta ata, a qual depois de lida, conferida e aprovada, foi por todos os presentes assinada."

Para Marta, a idéia era criar uma entidade diferente, que conhecesse a importância do trabalho desenvolvido pelas comunidades e ajudasse a fortalecê-lo. "Queríamos uma ong que não fosse só mais uma, que gerisse com responsabilidade os recursos recebidos e que soubesse se posicionar em relação às comunidades. O próprio nome do Campo procura dar este sentido de ir a campo, onde estão as comunidades e os grupos", afirmou.

Cristiano conseguiu a sede na Rua Estácio Coimbra, nº 26, em Botafogo. Na casa também funcionava uma clínica de psicoterapia e o espaço pertencia ao irmão de uma professora da Universidade Santa Úrsula. Apesar de Cristiano ser o coordenador do Campo, Ricardo estava também no papel de executivo da instituição e foi um dos responsáveis pela elaboração de um grande projeto, tendo Cristiano como supervisor. "Eu aprendi muito com o Cristiano nesse projeto, porque foi o primeiro que eu elaborei para uma agência de cooperação. Isso me deu uma experiência para o meu trabalho hoje, no Bento Rubião", reconhece.

Ricardo e a esposa, Cibele Corrêa, acompanhavam os jovens da Pedreira em leitura da Bíblia, encontros, passeios e trabalhavam as questões sociais a partir da filosofia cristã. Um dos primeiros projetos do Campo e escrito por ele foi o de formação de jovens com base em atividades esportivas e culturais na comunidade. Na opinião de Ricardo, os resultados foram positivos. "Hoje a maioria desses jovens está trabalhando nos movimentos populares, em associação de moradores, e também no Bento Rubião, e no Campo, como por exemplo o Ronaldo", destacou Ricardo, ao citar o nome de Ronaldo Soares, o Naldo, um dos integrantes da coordenação colegiada do Campo.

## A nova marca do Campo mantém grupos em destaque

A logomarca do Campo surgiu em 1987, através do arquiteto e sócio do Campo, Ricardo Corrêa, que levou em conta o trabalho social da instituição para inserir figuras humanas dentro do nome Campo. "Não é muito comum a presença de pessoas nas marcas, mas nós queríamos mostrar a importância que têm as comunidades para a instituição", afirma. A escolha da posição dos bonecos no nome Campo não foi por acaso. Segundo Ricardo, ao colocar as pessoas depois da letra "C", que vem num formato de seta, a intenção foi mostrar a evolução e o crescimento dos grupos assessorados a partir da contribuição do Campo. "A seta vem das pessoas e segue em frente, mostrando o desenvolvimento dos movimentos populares", explicou.



Centro de Assessoria ao Movimento Popular



Centro de Assessoria ao Movimento Popular

Em 2002, ao investir na Comunicação Social da entidade, o Campo, impulsionado por um dos seus coordenadores, Francis Bossaert, e pelo assessor de Comunicação, Alexandre Bebiano, decidiu revitalizar e melhorar a comunicabilidade da marca, sem deixar de lado a proposta inicial. Em uma conversa com Ricardo Corrêa, o idealizador da logomarca sugeriu que os bonecos fossem mais humanizados. A coordenação do Campo acatou a idéia e decidiu apostar ainda mais no sentimento da parceria, colocando a figura das pessoas ao lado do nome da instituição e em cima do termo "movimento popular", que compõe a definição por extenso da palavra Campo. A letra "C" permanece com a seta para manter a idéia de desenvolvimento das comunidades a partir da parceria.

Para o responsável pelo desenho gráfico da nova marca, Arquimedes Martins Celestino, da Gaia Comunicações, a mudança enfatizou mais os grupos assessorados pela instituição. "Desta forma, as pessoas têm mais peso na marca, porque estão em destaque, na mesma proporção do nome Campo", comentou. Ainda como novidade, foi acrescentada uma grade, que mostra a integração e o espaço de organização do trabalho construído pelos vários grupos, sócios, colaboradores, parceiros e equipe.

As questões de raça e gênero também foram contempladas na nova logomarca, e cada boneco procura passar uma personalidade própria, explicitando a união da diversidade no trabalho conjunto.



Centro de Assessoria ao Movimento Popular

Com o intuito de dar uma unidade à logomarca, o tipo de letra (AvantGarde) usado é o mesmo na sigla (Campo) e no nome completo da instituição (Centro de Assessoria ao Movimento Popular).

Como em 2002 a entidade completa 15 anos, foi criado um selo comemorativo de aniversário, que incorpora à marca o tempo de existência do Campo. O selo irá compor os materiais impressos e de divulgação da instituição durante 2003.

*// O Centro de Assessoria ao Movimento Popular vem tecendo, há 15 anos, uma trajetória absolutamente coerente com os princípios que inspiraram sua criação. Assim sendo, vem fornecendo suporte no diagnóstico, no planejamento e na viabilização financeira de projetos em comunidades pobres. Nestes projetos, além do benefício imediato na melhoria das condições de vida da população, apóia-se a organização da mesma, na perspectiva de que seja condutora dos processos de efetivação de seus direitos. Estamos falando, em suma, de "participação cidadã", palavras e conceitos mais que batidos, surrados, decompostos de seus sentidos e sabores originais; no Campo, porém, os mesmos ressurgem, sem retórica, mas com verdade, com profundidade e com muita vida. E é para continuarem na construção/reconstrução desta vida que eu lhes desejo muitos e muitos anos mais. Parabéns! //*

**Ricardo de Gouvêa Corrêa**

Sócio do Campo e coordenador da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (Abong) - Regional Sudeste

## As quatro sedes do Campo

O Campo já teve quatro sedes na sua história, todas no bairro de Botafogo. A primeira na Rua Estácio Coimbra, nº 26, arranjada pelo fundador Cristiano Camerman, junto a uma colega professora da Universidade Santa Úrsula. Na casa, funcionava um consultório de psicoterapia, e, na sala de espera, conviviam clientes de classe média da clínica e representantes dos grupos assessorados pelo Campo.

A segunda sede funcionou na Rua Álvaro Ramos, nº 347, até o mês de março de 1993. O espaço tinha cerca de 25m<sup>2</sup>, e antes de ser um escritório, era uma garagem. A cozinha do local era repartida com psicólogas que atendiam numa sala vizinha.

No início de abril, a instituição se mudou para a terceira sede, na Rua São Clemente, nº 91, um espaço bem mais amplo, com três salas, ao lado da estação do Metrô, e bem localizado, onde permaneceu até agosto de 1995. O Campo funcionava dentro do espaço de uma concessionária Volkswagen, chamada Gávea Veículos. Aquela época marcou a fase de estruturação do Campo, com o início dos grandes projetos e da ampliação das suas instalações para comportar toda a equipe. A transferência para a Rua São Clemente aconteceu a partir do primeiro grande projeto de capacitação de grupos auto-geridos, com trabalhos

em creches, geração de trabalho e renda, centros comunitários de formação profissional e também com associações de moradores.

Em 8 de julho de 1995, a sede passa a ser a atual, na Rua Paulino Fernandes, nº 77, uma casa de 240m<sup>2</sup>, com três andares e seis salas, um espaço de reuniões e um terraço.

*// Acho que, nesses 15 anos, o CAMPO vem realizando plenamente nossos sonhos, participando da formação de um movimento forte, promovendo a troca de experiências entre pessoas que têm diferentes experiências. Estou feliz com a criança que ajudei a parir. //*

**Marta Loyola**

*Presidente e sócia do Campo*

## Projeto Brinquedotecas surge na Rocinha

O Projeto Brinquedotecas do Campo foi criado em 1987, com a implantação da primeira unidade na Rocinha. A Brinquedoteca Peteca, localizada na organização não governamental Ação Social Padre Anchieta (ASPA), começou com a supervisão da coordenadora do projeto, a educadora e sócia do Campo, Cyrce Andrade. Os objetivos das brinquedotecas são oferecer uma alternativa de cultura, lazer e educação para as crianças e adolescentes de comunidades de baixa renda; qualificar profissionais da própria comunidade para este trabalho, através de cursos de formação e assessoria; e sensibilizar os educadores dos centros comunitários onde as brinquedotecas funcionam para o trabalho na área lúdica, enfatizando realizações que integrem as diferentes ações das instituições.

As brinquedotecas oferecem às crianças e aos adolescentes a oportunidade de interação através do uso do acervo de brinquedos, jogos e livros no espaço da brinquedoteca; integração na família e na vizinhança através do empréstimo deste mesmo material; criação individual e em grupo nas oficinas de confecção e conserto de brinquedos e jogos; descoberta da cidade e do mundo através de passeios à praia, parques, teatros e exposições; e organização de festas e apresentações na brinquedoteca. Em uma das atividades na

ASPA, em 87, a meninada já construía alguns brinquedos a partir de caixas de papelão.

Ao longo dos 15 anos, os educadores passaram por cursos sobre a organização e funcionamento dos espaços oferecidos às crianças, história das brinquedotecas, aspectos sociais e de desenvolvimento da criança, o papel do adulto nas brinquedotecas, a importância do brincar e dos brinquedos, além de oficinas de dança e teatro para que essas atividades sejam incorporadas ao processo pedagógico, no aprendizado do dia-a-dia. Os educadores também costumam participar de oficinas, seminários, congressos e cursos externos, para troca de experiências.

Em 2002, são quatro brinquedotecas assessoradas pelo Campo, com cerca de 400 crianças e adolescentes atendidos. No estado do Rio de Janeiro, além da pioneira Peteca, a Brinquedoteca da Rua 2 também funciona na Rocinha, e a Sapeca, no bairro Vila de Cava, em Nova Iguaçu. A quarta, chamada Casa dos Sonhos, fica no bairro Vila Califórnia, na cidade de São Paulo. A faixa etária atendida vai de um a quinze anos e a proposta visa a integrar todas as crianças e adolescentes, incluindo aqueles com necessidades especiais.

Na história do Campo, também foi assessorada a Brinquedoteca Sapequina, que funcionava no Centro Comunitário da Igreja Metodista da Rocinha, desde 1989, com o nome original de Sapeca. Como, em 1994, o centro decidiu assumir a brinquedoteca, mas limitou a faixa de idade para crianças até sete anos, a unidade passou a ser chamada de Sapequina, transferindo o nome anterior para a brinquedoteca de Nova Iguaçu.

No espaço das brinquedotecas existem cantos de leitura, de brinquedos para faz-de-conta, de jogos, de teatro e dramatizações. As crianças batizam suas bonecas, comemoram seus próprios aniversários, criam, inventam, descobrem...

A proposta das crianças levarem por empréstimo os brinquedos para casa, para que possam brincar com o pais, irmãos, primos, vizinhos, segundo a educadora e integrante do Núcleo de Educação Infantil do Campo, Maria Marta Diniz da Silva, é uma forma dos responsáveis se envolverem no trabalho



*Brinquedoteca  
Peteca:  
Oficina de brinquedo  
com as crianças*

das brinquedotecas. "É importante não só trabalhar com as crianças, mas também com os pais, para que eles conheçam melhor o dia-a-dia dos filhos no nosso espaço", comentou.

De acordo com Marta, a transformação das crianças é bem significativa. "Elas passam a saber dividir, a se comunicar, a observar as outras crianças, existe uma interação e uma integração, que faz com que elas tenham respeito umas pelas outras e pelo educador". Marta disse ainda que os reflexos são observados em casa, quando o comportamento das crianças muda, ficando mais comunicativas e responsáveis com a arrumação dos próprios brinquedos.

Para Cyrce Andrade, a atuação das educadoras tem sido fundamental para o sucesso do trabalho. Ela citou uma passagem que caracteriza o bom resultado. "Uma vez, andando na Rocinha, ouvi de uma criança, depois de um gostoso abraço: "Faz tempo que eu não te vejo. Você sabe que eu já nem sou mais da brinquedoteca?". Ela havia crescido e a brinquedoteca havia cumprido o seu papel. Foi assim também com os educadores,

trabalhando na brinquedoteca ou em outros projetos, levaram consigo a garra para continuar estudando, buscando caminhos; quantos chegaram à faculdade e ganharam o mundo esparramando o lúdico, linguagem essencial do ser humano", concluiu.

*// O Campo é uma instituição sem fins lucrativos, que tem um único objetivo que é incentivar os grupos de baixa renda a desenvolver um trabalho comunitário, no qual a auto-sustentação e a autogestão se façam presentes. E não pára aí. A cidadania e a compreensão estão juntas nessa ong. Isto nos faz sentir orgulhosas de estarmos participando de uma rede que, a cada dia, vai criando um elo mais forte em nossa relação. Se hoje conseguimos enxergar um novo horizonte, com certeza é porque estamos caminhando na mesma direção. O Campo é compromisso e responsabilidade. O Campo, pra mim, é cooperação, amparo, mobilização, prioridade e orgulho. //*

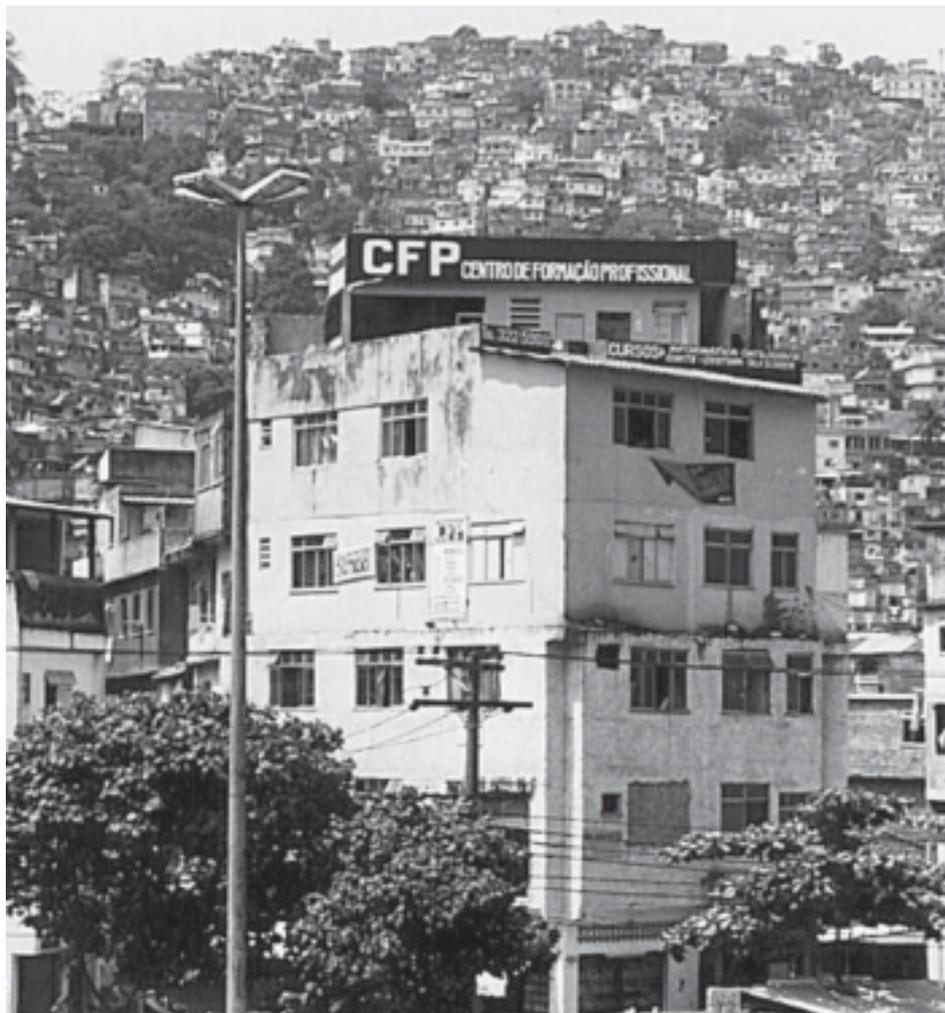
**Maria Marta Diniz da Silva (Martinha)**

*Representante da equipe do Campo*

## Campo inicia na Rocinha a criação dos Centros Comunitários de Formação Profissional

O Centro Comunitário de Formação Profissional da Rocinha, inaugurado em outubro de 1989, foi o primeiro de uma série de 13 centros assessorados pelo Campo dentro dos seus 15 anos e representou um projeto piloto do que seria a filosofia dessas unidades de capacitação. Se até então os programas sociais em comunidades de baixa renda se baseavam na dependência institucional e financeira externas, surgiu um novo modelo, trazido pelo fundador do Campo, Cristiano Camerman, que superava o assistencialismo e apresentava a proposta da autogestão, com a participação comunitária, e a auto-sustentação, na busca de recursos próprios para garantir a continuidade e independência dos cursos.

Na época, a grande preocupação em profissionalizar os jovens carentes, excluídos do mercado de trabalho, fez surgir na Rocinha o primeiro curso de datilografia. Com o sucesso e a grande procura pelos moradores, outros cursos começaram a ser oferecidos, como o de corte-costura, matemática, auxiliar de departamento pessoal e inglês.



*Prédio do Centro  
Comunitário de  
Formação  
Profissional da  
Rocinha*

Para garantir a manutenção do centro e dos cursos, era cobrada dos alunos uma mensalidade de valor bem abaixo do pago em outros locais, e 50% da taxa iam para o pagamento do instrutor e os outros 50% ajudavam no pagamento das contas do centro de formação. Além de ter um curso de qualidade próximo de casa, o estudante deixava de gastar com transporte de ida e volta.

Em novembro de 1993, o Centro Comunitário de Formação Profissional da Rocinha voltou a ser pioneiro, desta vez com a

criação do curso de informática, o primeiro no Brasil em uma comunidade de baixa renda. Durante todo o ano de 93, houve a preocupação com a compra dos cinco computadores e a elaboração de apostilas para os alunos. Cada micro era compartilhado por dois estudantes e as aulas eram duas vezes por semana, durante duas horas por dia.

Para saber a avaliação dos moradores da Rocinha e os novos rumos a serem tomados em relação ao curso de informática, o Campo solicitou à organização não governamental Instituto de Estudos da Religião (ISER) uma pesquisa, em 1996. Dentre os resultados obtidos, destacam-se os seguintes: o público jovem consultado apontou que o centro de formação era conhecido na comunidade; havia uma grande satisfação dos alunos; mais de 1/3 reconhecia que a sua vida melhorou economicamente após o curso; metade dos entrevistados achava que a vida melhorou de certa forma; 50% apontaram que o curso ajudou na busca de um emprego ou de um outro trabalho melhor; e somente 2% disseram que a mensalidade era alta.

## **Outros Centros de Formação Profissional**

A experiência na Rocinha fez a idéia se expandir para outras comunidades de baixa renda do estado do Rio de Janeiro. Ainda em 1994, surgiram em junho os centros comunitários de Formação Profissional de Jardim Catarina e do Conjunto da Marinha, ambos em São Gonçalo, com o primeiro curso de datilografia nas duas localidades. No mês de outubro, mais um centro era criado, desta vez no Morro da Pedreira, em uma sala cedida pela associação de moradores.

No último trimestre do ano seguinte, 1995, foi a vez do Centro Comunitário de Formação Profissional de Jardim Primavera, em Duque de Caxias, iniciar suas atividades em uma sala da igreja do bairro. E no mês de dezembro, o Centro Comunitário de Formação Profissional de Jardim Boiúna e Adjacências, em Jacarepaguá, começou a ser construído.

O Centro Comunitário de Formação Profissional de Anchieta surgiu em dezembro de 1997. No ano seguinte, no mês de junho, foi a vez do Centro Comunitário de Formação Profissional de Oswaldo Cruz.

Em janeiro de 99, teve início a Escola de Ecologia Humana e Educação para a Cidadania Herbert de Souza, em Tinguá, Nova Iguaçu, Baixada Fluminense. Um ano depois, começava o Centro Comunitário de Formação Profissional da Penha, e, em outubro, o Centro Comunitário de Formação Profissional de Jardim Bom Retiro, em São Gonçalo. Já, em 2001, o Centro Comunitário de Formação Profissional do Conjunto Campinho, em Campo Grande, iniciou as atividades.

O Centro de Estudos de Saúde Projeto Papucaia, o 13º centro assessorado pelo Campo, foi inaugurado recentemente, no dia 19 de outubro de 2002.

*// Um ator social comprometido com o fortalecimento da sociedade civil e com a ampliação dos direitos de cidadania de uma população afetada pela pobreza e pela exclusão social. //*

**Áurea Alencar**

*Coordenadora de projetos do Instituto C&A de Desenvolvimento Social.*

## Trabalho com creches marca o início do Campo

**A** história das creches assessoradas pelo Campo começou bem antes da existência da instituição. No início da década de 70, o fundador Cristiano Camerman ajudou a revitalizar a organização não governamental Ação Social Padre Anchieta (ASPA), na Rocinha, que havia interrompido suas atividades. Ele reuniu jovens moradores e voluntários de fora para desenvolver projetos sociais na localidade. E percebendo uma vontade da comunidade em ter uma creche, buscou recursos para a obra. As primeiras agências de cooperação a dar apoio foram a católica alemã Miserior e a evangélica Brot Für Die Welt. Em 1975, o sonho virou realidade. Foi criada a primeira Creche Comunitária na Rocinha e gerida pela própria população. Nascia aí a idéia que nortearia a filosofia do Campo e se abria na comunidade o espaço para um trabalho social duradouro.

A Creche Maria Maria, também na Rocinha, foi uma das primeiras assessoradas pelo Campo. Funcionando provisoriamente na casa da fundadora, Raílda Pereira da Silva, e atendendo a crianças de 0 a 6 anos, a creche recebeu apoio para a compra de um espaço adequado.

No ano de 1992, o Campo também comprou um terreno, com dois lotes, para a construção, em sistema de mutirão, da Creche Coração de Maria, de Jardim Catarina, São Gonçalo. O nome da creche foi escolhido em função de ter sido a representante da Creche Maria Maria quem apresentou o grupo de Jardim Catarina ao Campo. A conclusão das obras aconteceu no ano seguinte.

Em 1993, também foi criado o Núcleo de Educação Infantil do Campo e começaram os encontros mensais de coordenadoras de creches. No mesmo ano, o município de São Gonçalo passou a ser prioridade no Campo. A localidade possuía uma população estimada na época em 1,5 milhão de habitantes, carente de recursos humanos e financeiros na área social, e contava com a atuação de poucas entidades de apoio. A Creche Obra Social do Bairro das Palmeiras, que funcionava em um espaço precário cedido pela comunidade, atendendo a crianças de 2 a 6 anos, teve ampliada as suas instalações com a ajuda do Campo.

Entre os dias 18 e 28 julho de 1994, 27 educadoras de creches participaram do seminário "Construindo idéias para o trabalho com a criança", no Colégio Franco-Brasileiro, em Laranjeiras. No segundo semestre daquele ano, os encontros mensais de coordenadoras de creches tiveram entre outros temas debatidos e estudados "o relacionamento com o poder público", a "organização e administração de creches", e os "convênios existentes". O Núcleo de Educação Infantil participou ativamente ainda do Fórum de Ongs em defesa da criança pequena e do Fórum de articulação das creches de São Gonçalo.

O trabalho do Campo seguiu em 1995, quando, entre 16 a 19 de janeiro, foi realizado um curso de qualificação, com 32 educadoras das diferentes creches assessoradas. A capacitação sobre temas de educação infantil e estímulo ao aumento da escolaridade dos educadores sempre foi uma das preocupações do Campo. Nas oficinas, também são trabalhados o teatro e a dança, para que os educadores conheçam essas atividades e as utilizem com as crianças.

Em setembro de 1996, o Campo, que já assessorava há vários anos o grupo comunitário Laureano Toledo, do Morro do Saçu, em Quintino Bocaiúva, subúrbio do Rio de Janeiro, concluiu a Creche Pintinho Dourado. Além da obra, o Campo proporcionou



*Creche Serpa*

ajuda de custo aos educadores da creche, assim como a compra de material necessário para a realização do trabalho pedagógico.

No ano de 1997, o Campo passou a integrar o Fórum Permanente de Educação Infantil do Rio de Janeiro, com atuação voltada principalmente para a formação e capacitação inicial e continuada dos profissionais de educação infantil, visando à melhoria da qualidade do atendimento educacional à criança de

O a 6 anos. O fórum é um espaço para discussões e apresentação de experiências de educação infantil, inclusive das creches comunitárias assessoradas, e as reuniões são toda a primeira terça-feira do mês, com encontros itinerantes. O fórum deu origem ao Movimento de Interfóruns de Educação Infantil do Brasil – Mieib

Em reuniões ou encontros, a equipe do Núcleo de Educação Infantil se fez mais presente, em 2001, no Fórum Estadual de Educação Infantil, na Rede Estadual de Educação Infantil, na Art-Creche de São Gonçalo, e no Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil.

Este ano de 2002, são 11 creches assessoradas pelo Campo: Pintinho Dourado (Quintino Bocaiúva-RJ), Coração de Maria (Jardim Catarina – São Gonçalo), Palmeirinhas (Bairro das Palmeiras – São Gonçalo), ASPA (Rocinha-RJ), Vila de Cava (Nova Iguaçu), Shalom (Santa Catarina – São Gonçalo), Itaóca (Ilha de Itaóca – São Gonçalo), Cepac (Santa Izabel – São Gonçalo), São Francisco (Jokey – São Gonçalo), Jardim Bom Retiro (São Gonçalo), e Serpa (Fazenda dos Mineiros – São Gonçalo).

“O Campo está buscando junto ao Conselho Municipal de Educação que as creches sejam regularizadas e vem procurando junto à coordenação das unidades a conscientização para que fiquem em dia com as obrigações tanto pedagógicas quanto administrativas e legais para funcionarem”, disse a coordenadora do Núcleo de Educação Infantil e integrante da coordenação colegiada do Campo, Mônica de Oliveira.

*// Não tirar os pés do chão, não descuidar dos abraços, estar de coração em campo foi o sonho que nos deu o nome ... há 15 anos! É bonito ver, ao longo deste tempo, o Campo ampliar seus olhares, estender o alcance das suas mãos e manter seus pés descendo morros e subindo ladeiras. //*

**Cyrce Andrade**

*Sócia do Campo e representante das Creches/ Brinquedotecas*

## Capacitação é uma das forças do Campo aos grupos populares

"**C**apacitação para o Campo é potencializar o conhecimento já existente dos grupos populares, respeitando os aspectos culturais e regionais, com o objetivo de dar a melhor preparação profissional que o mercado de trabalho exige. Nesse processo, há a preocupação com a qualidade e o acompanhamento pedagógico, e depois da formatura é dado o incentivo à permanente qualificação e o repasse das informações para multiplicar o conhecimento nas comunidades". Essa é a filosofia da instituição na capacitação profissional, de acordo com um dos integrantes da coordenação colegiada, Ronaldo Soares.

Desde a sua fundação, o Campo vem promovendo capacitações aos grupos assessorados, sejam eles creches, brinquedotecas, centros comunitários de formação profissional, e cooperativas. Na área de Gestão, vários cursos foram oferecidos como contabilidade básica, administração básica, legislação para entidades sem fins lucrativos, marketing social e elaboração de pequenos projetos, entre outros. "O intuito é não somente oferecer cursos, oficinas, seminários, encontros, mas também estímulo à participação, à troca de experiências, à integração com outros grupos,



*Curso de  
Planejamento no  
Campo - 1994*

à busca dos direitos, enfim, ao exercício da cidadania. Esse é o papel dos assessores e a chamada educação integral, não apenas técnica, mas de crescimento e de aposta nas pessoas para que elas se desenvolvam e busquem avançar e se aperfeiçoar naquilo que escolheram fazer", comentou outro coordenador do Campo, Francis Bossaert.

Cada um dos cinco núcleos do Campo já promoveu atividades de capacitação. Em 1994, na Rua São Clemente, nº 91, sede da instituição na época, o também coordenador do Campo, Hector Watté, esteve à frente de uma série de encontros, de quatro horas de duração cada, com três cooperativas e 20 pessoas, para passar as técnicas de vendas, cálculo de custos, e controle das vendas, uma das atividades do Núcleo de Geração de Trabalho e Renda. Os beneficiados foram a cooperativa Loriman, da Penha; o Grupo Labouré de Jardim Catarina; e Associação Metalúrgica Jardim Catarina – AMJAC. De 1996 até hoje, o Campo vem oferecendo cursos de introdução de cooperativismo popular, de quatro horas de duração, para formação de cooperativas, com dinâmicas e estímulo ao trabalho coletivo.

Nas creches e brinquedotecas, o trabalho de capacitação é feito na área pedagógica, levantando temas de Educação Infantil e incentivando o aumento da escolaridade dos educadores. Em 1995, por exemplo, o Núcleo de Educação Infantil promoveu algumas atividades, como a que aconteceu entre os dias 16 e 19 de janeiro, quando 32 educadoras de diferentes creches, pré-escolas e bancas de deveres assessoradas pelo Campo participaram de um curso de formação, capacitação e qualificação profissional. Em maio, as educadoras de brinquedotecas se reuniram para um curso de reciclagem. E de agosto a dezembro do mesmo ano, houve o curso "Criação de Espaços Lúdicos", com 16 horas de duração.

Para os centros comunitários de formação profissional, o Núcleo de Capacitação Profissional, em parceria com o Comunidade Solidária, no segundo semestre de 1997, ofereceu um curso para novos instrutores de informática, montagem e manutenção de computadores, com a duração de seis meses, num total de 560 horas. Participaram 20 jovens, representando os diversos centros assessorados. Foram feitas ainda atividades externas, como visitas a fábricas, universidades, jornais e espaços culturais para conhecer como a informatização poderia contribuir na produção e nos serviços prestados. Desde então, cursos técnicos na área de informática e cursos de gestão se tornaram rotineiros.

O Núcleo de Administração e Convênio já realizou dois encontros de capacitação, um em 1999 e outro em 2002, com cerca de 20 coordenadores e auxiliares administrativos dos nove Centros Municipais de Atendimento Social Integrado (Cemasi), conveniados com o Campo, sobre a legislação trabalhista. Foram abordados temas como admissão e demissão, rescisões contratuais, licenças, férias e décimo-terceiro, entre outros. Os encontros na sede do Campo tiveram o objetivo de melhorar o atendimento de departamento pessoal prestado pelas unidades aos seus 413 funcionários. Devido ao sucesso da capacitação, a coordenação dos centros solicitou ao Campo visitas regulares. Os Cemasis ficam nos bairros do Centro, Laranjeiras, Ilha do Governador, Ramos, Irajá, Vila Isabel e Vidigal e são órgãos ligados à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) da Prefeitura do Rio de Janeiro.

Dentro das atividades do Núcleo de Educação Ambiental, em 2001, houve um curso para o chamado grupo gestor ou base comunitária do Centro de Ecologia e Cidadania Tinguá (CEC Tinguá), em parceria com o Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente (Nima) da Pontifícia Universidade Católica (PUC) do Rio de Janeiro. Informações sobre legislação ambiental, preservação da fauna e flora, tratamento do lixo, foram alguns dos temas abordados no encontro. A partir da capacitação, as entidades puderam desenvolver, no CEC Tinguá, a formação de agentes multiplicadores para atuar na preservação ambiental no entorno da Reserva Biológica do Tinguá, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense.

*“ A Fundação W.P. Schmitz estima o Campo como um parceiro de confiança e competente, por cumprir seu papel intermediário entre o público alvo e a cooperação estrangeira de uma forma eficaz. Neste caso, o Campo trabalha como advogado dos grupos, lutando pela mediação dos interesses deles. O trabalho do Campo está caracterizado especialmente pelo engajamento cedo e eficaz em favor de um desenvolvimento sustentável no nível social, ecológico e econômico, e isto distingue o Campo de muitas outras entidades na área da cooperação de desenvolvimento. Desejamos ao Campo que possa continuar no futuro este caminho, baseando-se em parceria correta e participação. Nós ficaríamos felizes de poder contribuir com isto. ”*

**Sr Michael Dirckx**  
Fundação W.P. Schmitz

## Campo incentiva cooperativismo para a geração de trabalho e renda dos grupos assessorados

**A**pós criar o Centro Comunitário de Formação Profissional da Rocinha, em 1989, o Campo percebeu a importância de investir na geração de trabalho e renda para permitir a entrada, no mercado, dos alunos dos cursos profissionalizantes. Nesse sentido, em 1990, surgiu a idéia de formação de cooperativas e associações de trabalhadores, com o objetivo de melhorar as condições de competição da população de baixa renda.

Na avaliação do Campo, havia um número significativo de profissionais na Rocinha e uma crescente demanda de serviços. Porém a falta de organização dos trabalhadores e também o preconceito da sociedade em relação à qualificação e à honestidade dos profissionais de comunidades de baixa renda trazia dificuldades de contratação dos serviços.

A estratégia, então, foi a busca da credibilidade através do aval do centro de formação. O número do telefone do centro passou a ser o mesmo da central de serviço. O resultado, no entanto, foram algumas solicitações de atendimento, o que evidenciou a necessidade de se investir em uma estrutura maior

e a criação de cooperativas populares, a partir dos conceitos de autogestão e auto-sustentação.

Com base nessa filosofia, em 1992, o Campo apoiou a Cooperativa de Artesãs da Rocinha (COOPAROCA), a Cooperativa de Costureiras da Rocinha (COOPCOSTURA) e a criação da Cooperativa de Trabalho Feminino Loriman, da Penha, e do Grupo Labouré de Jardim Catarina, em São Gonçalo, formados por mulheres costureiras. Foram oferecidos cursos e assessoria para tornar a produção competitiva no mercado e melhorar o escoamento da produção.

No ano de 1994, uma série de encontros, de quatro horas de duração cada, contou com a participação de 20 pessoas das cooperativas Loriman e Labouré, e ainda da Associação Metalúrgica Jardim Catarina – AMJAC, que produzia grades, portas e janelas para a comunidade de São Gonçalo. O objetivo era passar as técnicas de vendas, cálculo de custos, e controle dos negócios.

No mesmo ano, a pedido do Instituto C & A de Desenvolvimento Social, ocorreu em julho uma série de contatos com a organização não governamental Cruzada do Menor, que solicitou ao Campo assumir, a partir de dezembro, o Projeto Artesanal Comunitário (PAC). O projeto envolvia 20 grupos comunitários de artesãos, que produziam flores, imagens, chinelos, pinturas, cestos, entre outros produtos, e vendiam em um quiosque dentro do Norte-Shopping, no subúrbio do Rio de Janeiro. O intuito da assessoria do Campo aos trabalhadores era viabilizar economicamente a produção e a comercialização.

Em 1996, o Campo se envolveu na criação do Balcão Sebrae da Rocinha, fazendo um trabalho de aproximação da comunidade com o Sebrae. No começo de 1997, foi lançado o Projeto Ideal, com seminários de oito horas de duração, para capacitar os microempresários e lideranças comunitárias sobre relações interpessoais, associativismo, elaboração e técnicas de negociação de projetos, condução de reuniões e administração do tempo. Até 2001, foram promovidos dez encontros.

Como consequência do Balcão Sebrae, foi criada, ainda em 1997, a primeira associação comercial em uma região de baixa renda, a Associação Comercial e Industrial do Bairro da Rocinha



*Dinâmica de grupo  
em oficina de  
Cooperativismo  
Popular*

(ACIBRO). A entidade desenvolveu, em dezembro, uma feira de negócios, com a presença de duas mil pessoas, e ainda o seminário "A Mulher Empresária nas Comunidades de Baixa Renda", realizado paralelamente à feira.

A partir de 98, o Campo passou a prestar assessoria organizacional, administrativa, operacional e financeira aos grupos e cooperativas populares Corte & Arte, Uni-Arte, Pão & Vida, Cooperativa de Professores de Quatis, Cooperativa de Serviços Gerais de Austin, Cooperativa de Produtores de Frutas Secas de Campo Grande, Cooperativa de Pescadores de Magé, Centro de Mulheres de Favelas e Periferia do Rio de Janeiro, Rede Cooperativa de Mulheres Costureiras da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Kit-Fruta.

No ano de 1999, também passaram a ser assessoradas pelo Campo a Cooprima, a Rede de Difusão do Cooperativismo Popular, a Rede de Mulheres Empreendedoras da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e a Intercooperação – Cooperativa dos Trabalhadores da Área Social da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

No segundo semestre de 2000, o Núcleo de Geração e Renda do Campo promoveu reuniões para a implantação da Rede de Centrais de Serviço (RCS), nos centros comunitários de formação profissional assessorados. Na proposta, a criação de uma central por unidade, que tinha o objetivo de oferecer a mão-de-obra formada nos cursos de capacitação à clientela das comunidades. A RCS virou realidade em setembro de 2001 e conta, em 2002, com cerca de 58 cooperados em seis centros comunitários.

*|| Alegra-me grandemente saber que o Campo alcançou a idade adulta dos 15 anos (ao contrário do que acontece com, nós, mortais). Pessoalmente, me sinto muito perto do Campo; tenho quase a impressão de ter visto nascer essa criatura, de ter convivido da pré-fase à gestação, ter participado e visto essa criatura dar os primeiros passos, etc., e por tudo isso compartilho sua alegria. É com muita satisfação que envio estas linhas ao Campo, por ocasião dos seus 15 anos de existência. Nos países latinos, há o costume de "apresentar" em sociedade as jovens moças ao chegarem aos 15 anos de vida: significa que elas alcançaram a maturidade humana e pessoal e devem ser consideradas como pessoas adultas e responsáveis. O Campo chegou a essa fase, já bem antes de completar os 15 anos de serviço à sociedade. O centro já nasceu "campo", quer dizer, desde o início se colocou a serviço dos movimentos de base, das periferias do Rio e entorno, um serviço que foi amadurecendo e crescendo ao longo dos anos. E, naturalmente, eu compartilho essa alegria e celebração. O Campo não é a única Ong que Fastenopfer vem acompanhando ao longo dos anos, tampouco a única que "vi" nascer nesse período, eu diria "por sorte e graças a Deus". Ele está entre aqueles que surgiram fruto de um processo, às vezes doloroso ou difícil, ou, em outros casos, de uma idéia espontânea e feliz. Mas, naquele caso ou neste, todos eles passaram em algum momento por uma fase de provas, de dificuldades ou de desalentos. E somente aqueles dispostos de força e compromisso das pessoas que os compunham, conseguiram sobreviver e continuar a serviço das bases e dos ideais de justiça, de luta pela sobrevivência e procura de alternativas para a população despossuída. Quero enviar aos responsáveis do Campo e à equipe toda um voto de confiança, uma palavra de amizade junto com meus desejos mais profundos no sentido de o Campo continuar esse trabalho a serviço do movimento popular, sempre igual (de fiel) e aberto às mudanças que o possibilitem continuar oferecendo esse serviço. ||*

**Severino Vila**  
Fastenopfer

## Campo e grupos promovem Encontros para troca de experiências

O Campo promoveu durante três anos os chamados Encontros, quando se reuniam cerca de 50 pessoas, entre elas equipe e representantes dos grupos assessorados, para discutir temas sugeridos pelas comunidades. O objetivo dos eventos era articular os grupos para a troca de experiências, a integração das lideranças, a valorização dos projetos desenvolvidos e estimular formas de participação popular.

No primeiro Encontro, em 15 de agosto de 1993, no Colégio Assunção, em Santa Teresa, houve a apresentação e avaliação do trabalho desenvolvido pelo Campo e grupos assessorados, com a participação de 55 pessoas. Na oportunidade, surgiu o hino (veja na página seguinte) que marcaria todos os Encontros e a história do Campo. A autoria da letra foi coletiva, mas a melodia veio de um dos coordenadores do Campo, Ronaldo Soares, o Naldo.

O segundo Encontro também ocorreu no Colégio Assunção, reunindo 50 pessoas, no dia 7 de novembro do mesmo ano, e o tema foi "Grupos Populares: Por Que e Pra Quê?". Houve uma reflexão dos grupos sobre o porquê de se estar nos movimentos populares e o que se quer com os projetos sociais.

No dia 27 de março de 1994, aconteceu o terceiro Encontro, no mesmo local dos demais, com o tema "A gestão comunitária e participativa dos grupos de base". As 42 pessoas presentes discutiram a diferença

**O primeiro  
Encontro –  
15 de Agosto  
de 1993**



entre o público e o privado e sobre a diferença entre a gestão participativa e a gestão centralizada. O evento contou com a exposição de um representante da organização não governamental Fase.

O quarto Encontro, novamente no Colégio Assunção, em 7 de agosto daquele ano, reuniu 48 participantes. O tema do evento foi "Os Grupos de Base e a Política", que tratou das eleições. Pela primeira vez, seis integrantes dos próprios grupos participaram da comissão organizadora do evento.

No dia 6 de novembro, aconteceu o quinto Encontro, na Pousada dos Eucaliptos, em Petrópolis, Região Serrana do Rio de Janeiro. Este evento foi uma avaliação das atividades desenvolvidas pelo Campo e os grupos assessorados ao longo do ano.

O tema do sexto Encontro, realizado no dia 2 de abril de 1995, no Educandário Santa Teresa, em Botafogo, foi "A Mulher: o cotidiano, a vida pessoal e o trabalho na comunidade". O evento teve a participação de 48 pessoas, sendo que apenas seis eram homens.

O sétimo e último Encontro da história do Campo foi no dia 6 de agosto de 95, também no Educandário Santa Teresa, quando 52 participantes discutiram o tema "Os adolescentes e as drogas".

***Hino dos Encontros***

*"Hoje, aconteceu o Encontro.*

*Ah, meu Deus, quanta união!*

*Estamos num campo de batalha,*

*Com solidariedade, ninguém nos atrapalha,*

*Aprendemos a tomar a decisão*

*E promover a transformação".*

## Campo faz administração de qualidade em Cemasis

**A** convite da secretária municipal de Desenvolvimento Social do Rio de Janeiro, Wanda Engel, em 1994, o Campo firmou convênio com a SMDS para administrar dois Centros Municipais de Atendimento Social Integrado (Cemasi), órgãos da Prefeitura do Rio de Janeiro, responsáveis pelo atendimento a jovens em situação de risco, idosos, e mulheres vítimas de violência, através de abrigos, oficinas educacionais e atividades lúdicas e esportivas. Eram eles, Cerim (hoje Ayrton Senna), em Vila Isabel; e Stella Maris, na Ilha do Governador.

O Campo foi uma das primeiras organizações não governamentais a estabelecer parceria com a SMDS. Dois anos depois, houve a consolidação dos convênios, através da assessoria administrativa e técnico-pedagógica junto à equipe dos Cemasis. Neste período, houve também a ampliação do Núcleo de Administração do Campo para atender, com qualidade e eficiência, à entrada de mais quatro Cemasis na parceria: Sol Garson, em Vila Isabel; Néelson Carneiro, em Ramos; Rubens Corrêa, em Irajá; e Maria Lina de Castro Lima, em Laranjeiras. O número de funcionários dos Cemasis, até então de 175, passou para cerca de 400.



***Cozinha do Cemasi  
Stella Maris***

Em 1998, outro Cemasi passou a ser administrado pelo Campo: Roquete Pinto, em Ramos. No ano seguinte, mais dois: Alfândega, no Centro; e Sobral Pinto, no Vidigal. Convites para que o Campo assumisse outros centros foram feitos, porém a coordenação colegiada decidiu estabelecer o limite de nove Cemasis conveniados.

Dentre as obrigações acordadas, o Campo faz a folha de pagamento, folha de ponto, os processos de admissão e demissão, contratos de experiência, licenças, férias, entre outros serviços para o quadro de 413 funcionários, composto de educadores, assistentes sociais, recepcionistas, auxiliares de administração, cozinheiras e serventes.

O Campo também fez duas capacitações com o pessoal dos Cemasis, em 1999 e 2002, quando cerca de 20 coordenadores e auxiliares administrativos receberam, no mês de maio, uma capacitação sobre a legislação trabalhista. Foram abordados temas como admissão e demissão, rescisões contratuais, licenças, férias e décimo-terceiro entre outros assuntos. "O encontro na sede do Campo teve o objetivo de melhorar o atendimento do departamento pessoal prestado pelas unidades. Devido ao

sucesso da capacitação, a coordenação dos centros solicitou ao Campo visitas regulares”, disse a integrante da coordenação colegiada do Campo, Mônica de Oliveira.

Para o coordenador administrativo e financeiro do Campo, Teófilo Cavalcanti, o convênio com a SMDS trouxe benefícios para os dois lados. “Os Cemasis contam hoje com um serviço de qualidade e nós tivemos a oportunidade de investir no profissionalismo da administração do Campo, estabelecer uma boa relação com o poder público, além de poder acompanhar de perto o que está sendo feito por este setor na área social”. Teófilo destacou ainda que outras parcerias surgiram com governos depois do convênio com a SMDS.

*“ O Centro de Assessoria ao Movimento Popular - CAMPO - vem mantendo, há alguns anos, parceria com a SMDS, na implantação de programas de assistência social. Atua com a sua competência técnica na área social, colaborando para o bom atendimento à população que assistimos. ”*

**Nilma Sartori**  
*Subsecretária Municipal de Desenvolvimento Social*

## Boletim Campo em campo surgiu há 8 anos

O boletim semanal *Campo em campo*, que hoje circula internamente na instituição, com informações para a equipe, surgiu em dezembro de 1994, com a intenção de ser um informativo para promover o intercâmbio entre os grupos assessorados pelo Campo. Quatro edições foram feitas de forma coletiva, tendo à frente da produção representantes da equipe do Campo, como Cyrce Andrade, Cristiano Camerman, Niura Ramos e Teófilo Cavalcanti; Daniela Gonçalves, do CFP de Jardim Catarina; Rosângela Bastos, do CFP da Pedreira, Maria Marta, na época da Brinquedoteca da Rocinha; Luciana de Sá, da Creche Pintinho Dourado; e Maria de Fátima, da Cooperativa Loriman.

No boletim, havia notícias curtas, dicas culturais e de saúde, pensamentos, poesias, histórias em quadrinho, classificados, receitas culinárias, e lista de aniversariantes do mês, além de um editorial. A última edição saiu em abril de 1995.

Em 2001, o boletim voltou a circular, sendo que agora para a equipe do Campo. Os responsáveis pela produção foram a auxiliar de Departamento Pessoal, Wanda Rodrigues, e um dos coordenadores do Campo, Francis Bossaert. No dia 13 de agosto de 2001, saía o primeiro número do novo *Campo em*

*campo*, com parte das seções do boletim original preservadas e trazendo novidades, como o calendário de atividades, a agenda do assessor e notícias maiores.

De acordo com Wanda, Francis deu a idéia de fazer um boletim para a equipe e a convidou para buscar as informações e digitar o material. "O pessoal me passava os textos e eu fazia alguns acréscimos. Às vezes, eu sugeria um pensamento da semana, um desenho, colocava os aniversários". Segundo Wanda, ao final do trabalho, Francis revisava e concluía o boletim. Ela disse ainda que, no início, teve que correr atrás de todos para obter as informações.



A partir de maio de 2002, o boletim começou a ser feito pelo assessor de Comunicação Social, Alexandre Bebiano, em conjunto com Francis. Novas mudanças ocorreram, ficando o boletim com duas páginas e com novas seções. Entre elas, "A Cara do Campo", que traz o perfil de cada um da equipe; "Fuxicos e Fofocas", aberta a notícias do cotidiano da sede; e "Nostalgia", que fala de momentos marcantes dos 15 anos da instituição.

Hoje, Wanda acha que a equipe já participa normalmente e ela acredita que o *Campo em campo* é um sucesso. "Acho que o jornal ficou ainda mais legal, por ter fotos, seções sobre o grupo, como a Cara do campo, informações sobre as reuniões. Agora as pessoas estão gostando mesmo de ler", afirmou.

Francis concorda com Wanda que, nas primeiras vezes, foi difícil convencer as pessoas a participar com notícias. Ele acha também que a perseverança fez com que o jornal continuasse saindo. "O jornal hoje não só informa, como também integra a equipe", acredita. Para Francis, o *Campo em campo* está mesmo popular na instituição. "A prova disso foi o fato de ter sido uma das leitoras, a Rosângela, que lembrou do aniversário do jornal, no dia 13 de agosto de 2002", destacou.

## Campo apóia a criação do Comitê para Democratização da Informática

O sucesso e o pioneirismo do curso de informática criado em novembro de 1993, pelo Campo, no Centro Comunitário de Formação Profissional da Rocinha, a primeira experiência em uma comunidade de baixa renda no Brasil, mostrou uma verdadeira revolução provocada pelo computador juntos aos jovens de baixa renda. A partir daí, a boa idéia se propagou através de iniciativas semelhantes, dentre elas a criação da organização não governamental Comitê para Democratização da Informática (CDI), em 1995.

A articulação das duas experiências foi feita pelo coordenador administrativo e financeiro do Campo, Teófilo Cavalcanti, que também trabalhava na ong Instituto de Estudos da Religião (Iser), onde costumava freqüentar o idealizador do CDI, Rodrigo Baggio, responsável por um trabalho no Morro Santa Marta, em Botafogo. Teófilo, que era responsável pela capacitação de instrutores e pela elaboração de apostilas do curso de informática da Rocinha, convidou Rodrigo a integrar um grupo de "micreiros" para atuar na comunidade, ensinando como funcionava um computador, e ainda a participar de reuniões no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (Ibrades), também em Botafogo, que tinham o objetivo de criar um movimento de democratização da informática.

O grupo que fundaria o CDI se inspirou na Campanha contra a Fome, a Miséria e pela Vida, idealizada pelo sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, e passou a ocupar um espaço cedido no Campo. Além de oferecer a infra-estrutura de telefone e fax, o Campo assumiu os custos da secretaria do comitê durante dois anos.

Em 1997, o CDI deixou a sede do Campo para uma sede própria e seguir as suas atividades nas comunidades de baixa renda.

## Campo participa da criação do Balcão Sebrae e da ACIBRO na Rocinha

**N**o dia 14 de setembro de 1996, era inaugurado o Balcão Sebrae, na Rocinha, com a assessoria do Campo. O primeiro endereço do serviço foi na Associação Metodista, no Caminho do Boiadeiro, nº 25, no Bairro Barcelos, onde funcionou durante cinco anos. Desde setembro de 2001, o Balcão passou a atender à população na Via Ápia, nº 8, no mesmo bairro. O objetivo do serviço é promover treinamentos, palestras, eventos e divulgar publicações e a legislação sobre empreendedorismo e gestão de microempresas na localidade.

O Balcão Sebrae foi criado a partir do pedido da comunidade ao Centro de Formação Profissional da Rocinha, assessorado pelo Campo, que se articulou com a organização não governamental Viva Rio para trazer, como projeto piloto, o serviço em uma comunidade de baixa renda. Dentro da parceria que geriu o Balcão no início estava também a Federação das Associações Comerciais, Industriais e Agropastoris do Estado do Rio de Janeiro (Faciarj).

O Campo foi fundamental na implantação do serviço, por já estar estabelecido na comunidade e por promover a aproximação das lideranças locais com o Sebrae. À frente do Balcão, dois assessores técnicos, Marcos Gentil Carvalho e José Luiz Souza



***Primeira turma do projeto Ideal. Muitos dos participantes formaram a primeira diretoria da Associação Comercial e Industrial do Bairro da Rocinha (ACIBRO).***

Lima. Pelo Campo, um dos seus coordenadores, Francis Bossaert, que a princípio estava como assessor por um ano, mas acabou permanecendo por três.

No começo de 1997, foi lançado o Projeto Ideal, com seminários de oito horas de duração, para capacitar os microempresários e lideranças comunitárias sobre relações interpessoais, associativismo, elaboração e técnicas de negociação de projetos, condução de reuniões e administração do tempo. Até 2001, foram promovidos dez encontros.

Ainda em 97, o Balcão Sebrae motivou, em 30 de setembro, a criação da primeira associação comercial em uma região de baixa renda, a Associação Comercial e Industrial do Bairro da Rocinha (ACIBRO), depois de muitas tentativas neste sentido por parte dos comerciantes do bairro. A associação é um reflexo do trabalho desenvolvido pelo SEBRAE, o Campo e o Viva Rio, e tem o objetivo de aumentar a empregabilidade da Rocinha, a renda da comunidade e, conseqüentemente, as vendas para os empresários locais.

A atividade inicial da associação, ainda em 1997, foi a I Feira de Negócios na Rocinha, uma iniciativa que tinha como

objetivo divulgar, através de uma exposição, os vários comércios do bairro e até os atores culturais da Rocinha. Os eventos se repetiram nos anos de 98, 99 e 2001.

Da inauguração até hoje, o Balcão Sebrae já atendeu a cerca de 500 das 1.500 microempresas da comunidade, entre elas mini-mercados, lavanderias, venda de móveis, de eletrodomésticos, bombonieres e construção civil. Um atendimento mensal de 100 pessoas.

Para Marcos Gentil, responsável pelo Balcão até hoje, o resultado do trabalho é muito significativo. "O serviço trouxe para a Rocinha investimentos de grandes empresas também. E com a chegada de outros parceiros como o Balcão de Direitos, que orienta na área jurídica, e o Viva Cred, com microcrédito, ambos do Viva Rio, facilitou mais para a população". Ele destaca o papel do Campo em todo o processo de crescimento da comunidade. "O Campo foi o grande articulador desses serviços na Rocinha. E eu diria que 50% do sucesso do Balcão Sebrae pode ser atribuído ao Campo", afirma.

*“ Durante muitos anos, a entidade belga Volens trabalhou em parceria com o Campo. Sempre acreditamos na importância do trabalho do Campo em prol das classes menos favorecidas no Rio de Janeiro, na cidade e no estado. O trabalho do Campo e os projetos desenvolvidos por ele têm a sua maior importância no que diz respeito ao incentivo às autoridades locais, no sentido delas desenvolverem políticas públicas direcionadas às necessidades de profissionalização e facilidades de ingresso no mercado de trabalho de milhares de jovens e jovens adultos do Rio de Janeiro. Volens parabeniza os fundadores, colaboradores e simpatizantes deste grande trabalho em prol de um mundo um pouco mais justo e humano! Esperamos que o Campo continue por muitos 15 anos! Parabenizamos a todos os colaboradores dos Centros de Formação Profissional, nas diversas comunidades, pelo trabalho valioso e lindo que desenvolveram esses anos todos! A vida continua, também depois dos 15 anos; a idade adulta está chegando... Coragem e ânimo para todos nesta continuação! Contem sempre conosco! ”*

**Guy De Nocker**

Coordenador Regional Volens no Brasil"

## 1º Encontro de Planejamento Estratégico marca trajetória do Campo

**E**m um final de semana, nos dias 6 e 7 de dezembro de 1996, na cidade de Teresópolis, em um sítio, na época de propriedade de um dos coordenadores da instituição, Teófilo Cavalcanti, foi realizado o 1º Encontro de Planejamento Estratégico do Campo.

Estiveram presentes, além de Teófilo, Cristiano Camerman, Hector Watté, Mônica Oliveira, Ronaldo Soares, Francis Bossaert, Cyrce Andrade, Dayse Valença, May Sprondel, Tula Vieira, Valéria de Albuquerque e Ângela Pereira, o que representava boa parte da equipe naquele período.

O objetivo do encontro era definir o plano trienal do Campo e, em pauta, estavam ainda a apresentação e a avaliação dos trabalhos realizados nos núcleos de Geração de Trabalho e Renda e Capacitação Profissional, e Educação Infantil, além das atividades da Administração, que a partir desse evento também se tornou um núcleo da instituição. Na oportunidade, o convênio com a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS) foi relatado para todos

conhecerem o seu conteúdo e forma, e foi apresentada a avaliação do projeto pedagógico dos Cemasis.

Na reunião, foram levantadas as dificuldades do Campo e também os desafios e linhas de ação para os três anos seguintes, e redefinida a missão institucional, além de estabelecer como meta a aposta em projeto inovadores.

Para Hector, o encontro foi muito mais do que uma reunião de planejamento estratégico. "Foi muito positivo para todos em função da criação de um tipo de espírito de equipe e houve uma interação e uma integração dos diversos grupos". Ele destacou ainda que foi a primeira vez que aconteceu uma reunião de equipe em local externo, e ali houve a reintegração de Cristiano ao grupo, afastado até então por um problema de saúde. "Na sexta-feira, depois de um dia inteiro de trabalho, fizemos à noite um churrasco com cerveja", lembrou.

Francis, que estava há cinco meses no Campo, teve a chance de se interar mais sobre a entidade. "Pra mim, foi o primeiro grande contato no sentido de pensar o Campo. Porque, até então, eu estava conhecendo a instituição", afirmou.

## Campo comemora aniversário de 10 anos em seminário com grupos assessorados

O Campo comemorou os seus 10 anos, apostando no resgate da articulação do movimento popular. No dia 19 de outubro de 1997, no Colégio Assunção, em Santa Teresa, reuniu cerca de 130 pessoas para o encontro “Campo – 10 anos – Construindo Pontes para Unir Mundos”.

Foram dois painéis e debate. O primeiro, sobre a possibilidade de parceria sociedade civil/governo, contou com a participação de Cristiano Camerman, coordenador geral do Campo; do assessor da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, Amarildo Baltazar; do coordenador da Ong Fé e Alegria, Rodrigo de Souza Filho; do coordenador do CFP de Jardim Boiúna e Adjacências, João Marco; e do presidente da Fundação Solidariedade e Parceria Internacional (SIS), Fritz Pfeiffer.

O segundo painel tratou de questões de geração de trabalho e renda. Estiveram presentes na mesa, o secretário municipal de Trabalho, André Urani; o representante do Viva Rio, Itamar Silva; e a integrante da cooperativa Corte e Arte, Elizete Napoleão. Na oportunidade, foi lido o texto Empresa Cidadã, do fundador do Instituto C & A de Desenvolvimento Social, Antônio Carlos Martinelli.



Após o encontro, foi servido o almoço de confraternização, que contou com a participação de representantes dos grupos assessorados pelo Campo, além de entidades parceiras como Sebrae, e as Ongs Bento Rubião, Viva Rio, Fé e Alegria, entre outras. De acordo com um dos coordenadores do Campo, Hector Watté, o evento foi marcante. "Comemoramos os 10 anos não apenas com um prato de comida, mas também com um prato de idéias", destacou.

***Primeiro painel do seminário  
"Campo - 10 anos –  
Construindo Pontes  
para Unir Mundos"***

## Centros Comunitários de Formação Profissional criam Rede para unir forças

**A** reunião promovida pelo Campo, em dezembro de 1997, para apresentar e discutir, pela primeira vez, com os Centros Comunitários de Formação Profissional o acordo de cooperação motivou os grupos assessorados a manterem encontros mensais para trocar idéias, experiências e discutir questões comuns. Este foi o primeiro passo para a criação da Rede de Centros Comunitários de Formação Profissional do Grande Rio, em 2002 composta por 12 unidades.

A primeira reunião dos centros aconteceu, em fevereiro de 1998, em Jardim Boiúna, Jacarepaguá, com os sete centros, na época assessorados pelo Campo. A princípio, os encontros seriam uma vez em cada centro, em sistema de rodízio. Mas, pela distância de alguns CFPs, o grupo decidiu fazer as reuniões na sede do Campo, para facilitar o acesso de todos.

Ainda em 98, houve o seminário "Autogestão e Auto-sutentação", realizado nos dias 23 e 24 de outubro, no Colégio Assunção, em Santa Teresa, que ajudou a consolidar a Rede. A filosofia dos centros foi abordada em um painel, com a participação de um dos coordenadores do Campo, Cristiano Camerman, além de representantes das organizações não governamentais Fase e Pacs, e da coordenação do CFP da



*Pioneiros da Rede*

Rocinha. Logo após as palestras, foi realizado um debate com a plenária.

O trabalho dos grupos resultou na criação de seis comissões para a Rede: Articulação, Auto-Sustentação, Formação Política, Legalização, Marketing Social, e Projetos. Além da Rocinha, estavam presentes integrantes dos centros de Oswaldo Cruz, Jardim Primavera, Pedreira, Jardim Catarina, Conjunto da Marinha, Jardim Boiúna e Tinguá.

As ações dos centros levavam em conta as cinco dimensões trabalhadas pelo Campo: gênero, ecologia, cultura, cidadania e esporte. Nesse sentido, as comissões desenvolveram atividades para integrar a Rede.

Em 18 de abril de 1999, uma nova comissão, a de Esportes, realizou no campo de futebol do centro de Jardim Primavera, em Duque de Caxias, o Torneio Inter-Centros, com a presença de 250 pessoas. A equipe do Centro Comunitário de Formação Profissional de Jardim Boiúna e Adjacências (CPJABA) foi a vencedora do campeonato.

Uma nova competição foi organizada, em 29 de agosto, no campo de futebol do Conjunto da Marinha, em Itaúna, São Gonçalo,

sendo agora de futebol feminino, com a participação também de 250 pessoas. A equipe da Pedreira foi a grande campeã.

A Comissão de Marketing Social, uma das mais atuantes até hoje, após quase um ano de discussões, lançou em dezembro daquele ano o Jornal da Rede, um informativo trimestral para divulgação das ações dos centros, além de repercutir assuntos atuais da Rede, como a Educação.

Em 2000, com a entrada de mais quatro centros (Anchieta, Campinho, Jardim Bom Retiro e Penha) a comissão desenvolveu o Plano de Comunicação para a Rede. Houve uma capacitação para os gestores dos centros, com a elaboração de material de divulgação como folderes, cartazes, faixas, camisetas e placas de identificação, e a correta utilização dos produtos.

A então Comissão de Esportes virou Comissão de Eventos e realizou, no mesmo ano, três atividades envolvendo toda a Rede. Uma gincana ecológica foi feita, na semana do meio ambiente, e encerrada com um encontro coletivo, no dia 20 de junho, no Conjunto de Campinho, em Campo Grande. A Rede também participou da Feira da Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais (Abong) - Regional Sudeste, entre os dias 23 e 26 de novembro. E dentre as confraternizações já realizadas, promoveu mais uma no final do ano, reunindo cerca de 110 pessoas, em Tinguá, Nova Iguaçu, Baixada Fluminense.

Também em 2000, nos meses de maio e junho, foi realizado o "Primeiro Raio-X da Rede", um levantamento feito em 10 centros, para a apresentação do número de pessoas envolvidas, levando-se em conta o gênero e idade, e ainda a quantidade e diversidade de cursos, as atividades desenvolvidas, e os serviços prestados pelas unidades da Rede. Dentre as principais conclusões da pesquisa, estão os seguintes dados: os centros atingiam cerca de 4 mil pessoas diretamente, 53% do público estava em fase de alfabetização, a informática representava o segundo maior bloco de cursos, com cerca de 20% dos alunos matriculados; e mais da metade do público era formada por mulheres.

No ano de 2001, a Rede promoveu várias atividades, dentre elas as campanhas de divulgação na Central do Brasil e no terminal rodoviário de Alcântara, em São Gonçalo; em parceria

com o Campo, realizou o Plebiscito Popular, na Cinelândia, a respeito da proposta de lei que estabelece cotas para negros e pardos nas universidades públicas; e participou da 41ª Feira da Providência, no Riocentro, em Jacarepaguá.

Em janeiro de 2002, a cerimônia de entrega dos centros Comunitários de Formação Profissional de Jardim Boiúna, Oswaldo Cruz e de Jardim Primavera marcou o término de um processo bem-sucedido de transferência definitiva do centro aos grupos, princípio da filosofia do Campo. O evento reuniu cerca de 150 pessoas no CFP de Jardim Boiúna, em Jacarapaguá, que puderam assistir a um vídeo contando a história dos três centros e das respectivas comunidades.

Para o coordenador do CFP de Oswaldo Cruz, Mozart Santana Chalfun, a Rede trouxe o desenvolvimento dos centros. Ele destacou como positivo o caminho trilhado até hoje. "Nesses quase cinco anos, foram centenas de atividades, entre cursos, oficinas, panfletagens e reuniões que deram muito trabalho e também muita satisfação", disse.

Fazem parte da Rede atualmente as seguintes unidades: Oswaldo Cruz, Anchieta, Penha, Rocinha, Jardim Bom Retiro, Jardim Catarina, Jardim Primavera, Conjunto da Marinha, Pedreira, Campinho, Cachoerias de Macacu – Papucaia, e Jardim Boiúna.

*“ O Campo é uma das poucas ferramentas que o movimento social organizado possui na ajuda da conscientização para a redução da exclusão social, vivida pelas comunidades que são “esquecidas” pelo poder público. Nesses 15 anos de trajetória, em muito contribuiu para que novos quadros profissionais fossem criados e que multiplicassem, dentro das suas comunidades, além do aspecto profissional, a solidariedade e o crescimento da cidadania. ”*

**João Marco Araújo**

Representante do CPJABA e da Rede de Centros Comunitários de  
Formação Profissional do Grande Rio

## Delegação vai à Alemanha para mostrar trabalho dos Centros Comunitários de Formação Profissional

O mês de novembro de 1998 ficou marcado na história do Campo, quando a delegação formada por Ronaldo Soares, da coordenação colegiada; Mozart Chalfun, do Centro de Oswaldo Cruz; João Marco, do Centro de Jardim Boiúna; Jésus Silva, do Conjunto da Marinha; e Hélio Vanderlei, do Centro de Tinguá foi à Alemanha para estreitar relações com os parceiros da Fundação Solidariedade e Parceria Internacional (SIS), a agência de cooperação responsável pelo apoio aos Centros Comunitários de Formação Profissional assessorados pelo Campo. Pela primeira vez os centros estavam visitando aquela entidade alemã e levavam na bagagem a prestação de contas do projeto KEG I, com os avanços, conquistas e desafios da implementação dos CFPs.

O grupo foi recebido pela coordenação da SIS e encaminhados para ficar instalado na casa de alunos e professores das escolas das 18 cidades visitadas, nos 22 dias de viagem. "O grande fruto da visita foi o fortalecimento dos centros que já existiam e possibilitou a construção de mais um, o da Penha, graças a boa administração dos recursos", lembrou Ronaldo Soares.

A delegação fez palestras nas escolas e igrejas para tratar da situação social do Brasil, mostrando em slides os contrastes

entre a favela e o asfalto. Cada centro teve a sua história contada, levando em conta as mudanças provocadas na comunidade. "Havia uma grande preocupação dos alunos com os problemas brasileiros. Eles queriam saber como era possível viver diante da situação do tráfico, das drogas e do desemprego". Naldo citou ainda que os estudantes demonstravam conhecer os dados estatísticos sobre as questões brasileiras, como o número de crianças de rua, taxa de desemprego, índices de violência e de analfabetismo.

A delegação também foi bem recebida pelas autoridades locais. Em Wupertal, o prefeito promoveu uma mesa redonda com o grupo e serviu um coquetel aos participantes do encontro. "Saímos do Brasil com uma imagem de que os alemães eram um povo frio e acabamos surpresos com a ótima receptividade das pessoas. Mesmo com todo o problema de comunicação, eles nos fizeram sentir em casa", afirmou Naldo.

Um detalhe, porém, marcou a visita. O fato de só haver homens na delegação chamou a atenção dos parceiros da SIS. Para fazer jus à observação, em novembro de 2002 seguem para a Alemanha, agora para visitar a Welt Friedens dienst (WFD), com o mesmo objetivo do grupo anterior, cinco mulheres: Ana Cristina Venâncio, pelo Centro de Ecologia e Cidadania Tinguá (CEC Tinguá); Neide Higino da Silva, pelo Campo; Isabela Cristiana Amâncio Góis, por Jardim Bom Retiro; Maria Aparecida Carvalho Lima, pelo Centro de Formação Profissional do Conjunto Campinho; e Alcinéia Peixoto Hermes, do Centro de Cachoeiras de Macacu.

#### *A delegação – 1998.*



Para preparar a viagem, já foram feitas cinco reuniões, quando se discutiu a apresentação dos projetos, que terão fotografias para ilustrar. São eles: CEC Tinguá, em Nova Iguaçu; Centro de Estudos de Saúde Projeto Papucaia (CESPP), em Cachoeiras de Macacu; o Centro Comunitário de Formação Profissional e a Creche de Jardim Bom Retiro, em São Gonçalo. A explanação será feita com tradução simultânea e a delegação deve passar por dez estados no país.

A representante do Campo, Neide Higino, disse qual será o papel institucional da viagem "O Campo vai fazer uma ponte entre os financiadores e os grupos, para estreitar as relações desses dois pólos da solidariedade". Ela lembra que todos os centros serão representados pela delegação, e que dessa vez tem uma novidade. "O diferente da viagem em relação à primeira é que as creches também vão estar representadas", destacou.

*“ Há amores que precisam de um bom tempinho para amadurecer. E há amores repentinos, chamados “à primeira vista”. O meu amor pelo Campo é deste tipo. O que me impressionava mais do que tudo era a “fome de educação” dos colaboradores do centro, que, na sua maioria, depois de um dia duro de trabalho, participavam em cursos para aumentar os seus conhecimentos. Este meu amor - a simpatia, confiança e respeito para com o Campo - está aumentando dia-a-dia. O WFD está muito satisfeita por ter herdado da Fundação Solidariedade e Parceria Internacional (SIS) a colaboração com o Campo. Em nome da WFD, desejo ao Campo mais 15 anos de luta eficiente por valores como cidadania e auto-sustentação dos moradores de bairros pobres do Rio. ”*

**Katrin Steinits**

WFD

*“ Na WFD, somos orgulhosos por cooperar com Campo, uma organização com tamanho engajamento e experiência em nível de desenvolvimento social. Nossos parabéns se dirigem não apenas aos colaboradores e ao Campo, mas também às pessoas dos centros comunitários, que demonstram com seu trabalho, basicamente voluntário, que a mudança da sociedade não é apenas uma visão. Nós lhes desejamos bem mais que outros 15 anos, para poder continuar seu importante trabalho. ”*

**Andrea Hagemann**

Pelos membros e colegas de WFD

## Projeto Telessalas aumenta escolaridade em comunidades de baixa renda

Com o intuito de oferecer educação e cidadania a trabalhadores de baixa renda e de pouca escolaridade, o Campo estabeleceu uma parceria, em 1999, com a Secretaria Municipal de Trabalho do Rio de Janeiro (SMTB) e com a organização não governamental Viva Rio, dentro do "Programa Aumento da Escolaridade" (PAE) da Prefeitura do Rio de Janeiro, com a utilização de telessalas. As aulas de 5ª a 8ª séries do Ensino Fundamental das matérias de Ciências, Geografia, História, Matemática e Português tinham a duração de nove meses e o objetivo da conclusão do 1º grau.

No primeiro convênio, para atender a 700 alunos, foram criadas 22 telessalas na cidade, sendo 12 em Centros Municipais de Atendimento Social Integrado (Cemasis), ligados à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social; quatro em entidades sociais parceiras do Campo na Rocinha, e seis em unidades da Rede de Centros Comunitários de Formação Profissional do Grande Rio: uma em Jardim Boiúna e Adjacências, em Jacarepaguá; uma no Morro da Pedreira, na Pavuna; uma na Penha, uma na Rocinha, e duas em Oswaldo Cruz. Ao ser convidado para integrar o projeto, devido à credibilidade junto à prefeitura, o Campo aceitou participar desde que os centros

assessorados no município pudessem ser contemplados com o serviço.

Para realizar o projeto, o Campo montou uma equipe formada por um coordenador geral, um coordenador pedagógico e um coordenador administrativo-financeiro. As telessalas possuíam aparelhos de tv e videocassete, utilizados por um professor, tendo como ferramenta o material do Telecurso 2000, da Fundação Roberto Marinho. Dentro de cada disciplina, o docente podia propor trabalhos e trazer textos para reflexão da turma sobre temas do cotidiano.

A avaliação do curso era feita através de uma prova por disciplina, elaborada pelo Centro Federal de Educação Tecnológica de Química de Nilópolis (CEFETEQ), responsável também pela certificação dos alunos. Já ao Campo cabia toda a organização, além da contratação dos fiscais, que atuavam nos três pólos da cidade onde se realizam os exames, um no Centro e dois na Zona Norte. Na primeira fase, o índice de aprovação foi de 80%.

Diante do sucesso do projeto, a Secretaria Municipal de Trabalho firmou um segundo convênio, em outubro de 2000, agora para atender a mais de mil alunos, em 34 telessalas, mantendo as seis nos centros da Rede e quatro nas entidades parceiras do Campo na Rocinha, tendo ainda as demais em 13 Cemasis e 11 em comunidades atendidas pelo projeto Favela-Bairro, de iniciativa da prefeitura e co-financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Além da equipe formada pelo Campo no primeiro convênio, nesta etapa foi criada uma coordenação comunitária, que tinha como tarefa principal estimular as entidades do projeto a repercutir as discussões nas comunidades. Foram feitas reuniões mensais para avaliar o andamento dos trabalhos.

A cada final de trimestre, houve a realização de um Seminário de Culminância Trimestral (STC), tendo além do eixo central das aulas, "Trabalho e Cidadania", mais três transversais: "Cultura e Identidade Social", "História e Memória", e "Múltiplas Linguagens e Novas Tecnologias". Na oportunidade, professores de universidades deram palestras e alunos apresentaram trabalhos produzidos no período.

O projeto sofreu mudanças a partir de fevereiro de 2001. Com a mudança da composição política da prefeitura, a nova



administração municipal decidiu romper o contrato com as instituições parceiras. O "Programa Aumento da Escolaridade" permaneceu nas 11 telessalas das comunidades do projeto favela-bairro. Para dar continuidade nas outras 23 unidades, foi criado o programa "Telessalas na Comunidade", financiando pela iniciativa privada, através da Federação das Indústrias do Rio de Janeiro (Firjan) e da Fundação Roberto Marinho, graças a articulação do Viva Rio. A aprovação dos alunos nesta etapa também foi de 80%, em média.

*Formatura das  
Telessalas –  
Agosto de 2001*

Em agosto de 2001, estiveram presentes à formatura cerca de 500 pessoas, na quadra da Escola de Samba Tradição, em Campinho. A cerimônia foi organizada pela comissão composta por alguns representantes da equipe do Campo e, majoritariamente, por alunos oficialmente delegados para a função. A Escola de Música da Rocinha fez uma apresentação, misturando música clássica e moderna.

Para o coordenador geral do projeto e integrante da coordenação colegiada do Campo, Francis Bossaert, o programa Telessalas foi uma oportunidade de mudança na realidade dos alunos. "O nosso objetivo sempre foi aumentar a escolaridade dos trabalhadores, porque a educação é fundamental para melhorar a condição de vida dessas pessoas", afirmou.

## Campo aposta na educação ambiental e cria centro em Nova Iguaçu

**A** aposta do Campo e da entidade de cooperação alemã Fundação de Solidariedade e Parceria Internacional (SIS) na educação ambiental motivou a criação, em julho de 2000, do Centro de Ecologia e Cidadania Tinguá, em Nova Iguaçu, no entorno da Reserva Biológica do Tinguá, na Baixada Fluminense. O objetivo do CEC Tinguá é fomentar a consciência ecológica e cidadã, principalmente na rede de ensino, nas lideranças comunitárias e nos movimentos populares.

A busca de um local para a instalação do centro começou ainda em 1999, quando o Campo chegou a procurar espaços em algumas localidades do estado, como nos municípios de Caxias e Mangaratiba, até chegar em Nova Iguaçu. A compra de um sítio de lazer, numa área de 25 hectares (250 mil m<sup>2</sup>), se deu no ano seguinte, e foram feitas mudanças nos equipamentos para adaptar o local ao projeto. As obras levaram em conta a preservação ambiental. A pintura escolhida, por exemplo, evitou uma agressão visual ao sítio. Em breve, 16,5 hectares da área, que são de mata atlântica preservada, serão transformados em Reserva Particular do Patrimônio Natural – RPPN, a primeira no município de Nova Iguaçu.

A escolha da região de Tinguá também levou em conta o interesse comunitário das instituições locais na parceria com o Campo, no projeto de educação ambiental.

Durante o processo de adaptação do espaço, o Campo promoveu, no segundo semestre de 2001, quatro atividades de capacitação para entidades que iriam compor a chamada base comunitária, gestora do CEC Tinguá, formada pelas organizações não governamentais Vivaterra e Centro de Desenvolvimento Rural e Integrado (Cedri); pela Associação de Moradores e Amigos de Tinguá (AMAT) e Associação de Moradores de Rancho Fundo (AMRF); pela Reserva Biológica do Tinguá (Rebio Tinguá)/IBAMA, e ainda pela Emater, a Igreja Católica e a Assembléia de Deus da localidade. Os eventos ocorreram no espaço do Cedri.

O primeiro encontro, realizado em parceria com o Núcleo Interdisciplinar de Meio Ambiente (Nima) da Pontifícia Universidade Católica (PUC), tratou durante um dia inteiro sobre questões ligadas à preservação ambiental.

No segundo evento, o tema foi Cidadania e teve participação do Centro de Defesa dos Direitos Humanos de Nova Iguaçu, tratando desde os direitos fundamentais até assuntos do cotidiano local.

O terceiro abordou o tema autogestão, promovido pelo Campo em parceria com a organização não governamental Centro de Ação Comunitária (Cedac), e tratou da gerência de projetos sociais a partir das bases comunitárias. Assessores do Campo falaram de suas experiências e ainda houve relatos dos grupos assessorados sobre as dificuldades e as conquistas no trabalho de organização social.

O último e quarto encontro foi sobre auto-sustentação e teve como entidade parceira a ong Federação de Órgãos para Assistência Social e Educação (Fase). Estiveram presentes para expor a sua trajetória grupos populares que conseguiram criar condições de trabalho com recursos próprios, dentre eles os assessorados pelo Campo.

A partir dos eventos, no ano de 2002, as entidades da base comunitária começaram a implantar capacitações no CEC Tinguá. A primeira formou, no dia 6 de julho, as quatro primeiras turmas de educadores ambientais composta por 150 professores da 5ª



***Oficina de  
reflorestamento,  
desmatamento e  
Legislação Ambiental***

a 8ª séries do Ensino Fundamental de 50 escolas da rede municipal de ensino de Nova Iguaçu e 12 educadores do Serviço Social do Comércio – SESC. O curso fez parte da primeira etapa do projeto Convívio Verde, que teve o convênio entre o Centro Cultural Comunitário Peixinho Dourado e o Ministério do Meio Ambiente, através do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA); com a participação da Reserva Biológica do Tinguá, o Campo e a Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu. O intuito do projeto foi promover a Educação Ambiental junto à população do entorno da Reserva, localizada na Baixada Fluminense.

Os professores foram capacitados por seis docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Uerj, em aulas desde 27 de abril, numa série de dez sábados, com 8 horas diárias, sobre Reflorestamento, Desmatamento e Legislação Ambiental; Dinâmica Sócioambiental Local – formação de lideranças e agenda 21; Problemas Ambientais e Sustentabilidade: desenvolvimento sustentável e cidadania; Educação para Gestão Ambiental: reutilização de resíduos sólidos, arte e organização social;

Elaboração de Planos de Ação. Durante o curso, cada unidade escolar elaborou um plano de ação com base nos objetivos do projeto. A partir de então, os professores municipais se tornaram agentes multiplicadores das informações junto aos alunos da rede de ensino de Nova Iguaçu.

No mês de agosto, o mesmo curso de capacitação foi dado para 50 agentes comunitários, ligados a ongs ambientalistas, associação de moradores, entre outras entidades locais. De acordo com o coordenador do Núcleo de Meio Ambiente do Campo, Ronaldo Soares, esse trabalho de educação ambiental através dos multiplicadores vai atingir, por ano, cerca de 53.500 pessoas, entre alunos, pais, moradores e freqüentadores da região "O projeto vai trazer a conscientização maior dos moradores em relação à Reserva Biológica de Tinguá. Hoje, pelas condições de vida, eles acabam devastando a área. Há problemas com lixo, a poluição através de esgoto que é jogado nos rios; caçadores e também palmiteiros, que trazem prejuízos à fauna e à flora da região. O importante é conscientizar os moradores para evitar essas agressões ao local.", afirmou Ronaldo.

O CEC Tinguá faz parte do conselho consultivo da ReBIO Tinguá, criado em 30 de abril de 2002. Também participam o Cedri, a AMAT, a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, a Fiocruz, a Prefeitura de Nova Iguaçu, a Serla, a Feema, a Firjan, entre outros.

*“ O Campo, através do CEC Tinguá, me encantou com a sua proposta e me levou a repensar o meio ambiente, a descobrir novos caminhos. A base comunitária está mais fortalecida, e todos os bairros que fazem parte do entorno da Reserva do Tinguá passaram a ter uma nova visão do meio ambiente. A conquista de direitos e cidadania, de novos rumos para a sociedade, o estar junto, são espaços conquistados que o Campo, através do CEC Tinguá, fortalece a cada dia. Agradeço ao Campo e equipe pelo despertar de novos valores. ”*

**Maria Moreira**

*Presidente da Associação de Moradores  
de Rancho Fundo, em Nova Iguaçu*

## Campo faz acordo histórico com o IBAMA

O Acordo de Cooperação Técnica assinado em 27 de abril de 2002 entre o Campo e o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), pelo período de três anos, visa a desenvolver ações de cooperação para o desenvolvimento sustentável do entorno da Reserva Biológica do Tinguá (ReBio do Tinguá), principalmente no que diz respeito à educação para o processo de gestão ambiental. O termo também possibilita várias iniciativas dentro do projeto Convívio Verde e representa um acordo histórico, já que foi a primeira vez que o órgão ligado ao Ministério do Meio Ambiente procurou uma organização não governamental do Estado do Rio de Janeiro para uma parceria.

De acordo com a representante do IBAMA e chefe da Reserva Biológica do Tinguá, Maria Léa Xavier, a parceria foi interessante porque o CAMPO apresentou uma proposta de reunir várias entidades da região para desenvolver um projeto de educação ambiental. "A gente viu que o Campo, com o CEC Tinguá e por esta base que ele vem preparando, era um espaço para se trabalhar, envolvendo um número maior possível de representantes de grupos da população". Ela disse ainda que por o IBAMA só ter uma pessoa para desenvolver a educação ambiental na Reserva Biológica do Tinguá, é necessário contar

com essa parceria. "Nós precisamos desse suporte, porque a gente acredita que o processo de educação minimiza os impactos sobre a reserva. A população mais consciente é uma forma de ter qualidade de vida na região e se evita a ação dos caçadores e palmiteiros na localidade", prevê a representante do IBAMA.

Como o acordo vem dando certo, novos recursos estão sendo buscados junto ao Fundo Nacional do Meio Ambiente para outro projeto dentro do Convívio Verde, chamado Terras de Tinguá.

O IBAMA tem como base para a parceria com o CAMPO a lei 9.985/00 – Sistema Nacional de Unidade de Conservação da Natureza – SNUC – em seu Art. 5º, inciso IV, que determina o apoio a atividades que busquem a qualidade de vida no entorno de regiões como a ReBio do Tinguá. Cabe ao órgão fiscalizar a área, contando com a ajuda do Batalhão Florestal da Polícia Militar e da Polícia Federal, quando necessário.

*Dinâmica de grupo no seminário "Depois de 500 anos, que Brasil queremos?"*



## Seminário trata dos 500 anos do Brasil

**P**ara marcar as comemorações dos 500 anos do Descobrimto do Brasil, o Campo promoveu, no dia 18 de novembro de 2000, o seminário "Depois de 500 anos, que Brasil Queremos?", na ABANERJ, em Jacarepaguá. Estiveram presentes cerca de 200 pessoas dos grupos assessorados, funcionários dos Centros Municipais de Atendimento Social Integrado (Cemasi), parceiros e equipe da instituição.

A proposta do evento foi uma reflexão sobre a situação do país, desde o descobrimento até os dias de hoje. O livro do teólogo Leonardo Boff, cujo título originou o nome do seminário, foi distribuído aos grupos com antecedência para leitura e discussão nas comunidades.

A mesa do encontro contou com a participação do deputado estadual e professor de História, Chico Alencar; do docente da Universidade Federal Fluminense, José Luís Antunes; da professora de Teologia da Pontifícia Universidade Católica (PUC) e sócia do Campo, Teresa Cavalcanti; e, na mediação, do coordenador do Campo, Cristiano Camerman. Após a palestra dos educadores, houve perguntas do público e um debate sobre o tema.

Entre os pontos discutidos, estiveram a presença de povos antes do descobrimento, a forma de colonização que marcou o Brasil, e a mistura de raças. O evento foi encerrado com um almoço de confraternização.

## Campo e Centros apostam na Rede de Centrais de Serviços para gerar trabalho e renda

Levando em conta a filosofia do Núcleo de Geração de Trabalho e Renda de criação de cooperativas e associações de trabalhadores, para melhorar as condições de competição dos grupos assessorados, o Campo buscou viabilizar em cada centro comunitário de Formação Profissional, em 1998, uma central de serviço. A proposta, apresentada a agências de cooperação internacional, tinha objetivo de organizar e fortalecer a mão-de-obra das comunidades de baixa renda.

Em 2000, com o projeto aprovado, foi feita uma consulta aos centros para saber quais gostariam de implementar a central de serviço, e ainda houve um levantamento, que mostrou existirem 463 pessoas e 31 profissões com possibilidade de oferecer serviços à população. A idéia era de que as centrais fossem integradas e interligadas.

Em novembro daquele ano, houve uma primeira reunião para apresentar a proposta à Rede de Centros Comunitários de Formação Profissional do Grande Rio, quando foi levantada a necessidade de absorção e valorização no mercado de trabalho

da mão-de-obra formada nos cursos profissionalizantes dos 12 centros. Além de beneficiar os alunos formados, a central de centrais seria uma oportunidade de geração de trabalho e renda para os jovens e adultos das comunidades onde estão os grupos assessorados pelo Campo, e permitiria uma estrutura instalada de captação de clientes.

A princípio, quatro centros aderiram ao processo de criação da central de centrais de serviços. Faziam parte da comissão encarregada de discutir a proposta os CFPs do Conjunto da Marinha, da Penha, de Jardim Bom Retiro e de Jardim Primavera.

O Campo também promoveu, com os centros, um primeiro seminário de Cooperativismo Popular, em fevereiro de 2001, no Colégio Assunção, em Santa Teresa, para 45 pessoas dos centros assessorados, com o objetivo de sensibilizar os futuros participantes da central. Estava surgindo, aí, a Rede de Centrais de Serviços (RCS).

Em março de 2001, os grupos participaram de oficinas sobre cooperativismo, durante quatro finais de semana, oferecidas pela Rede de Difusão de Cooperativismo Popular, em parceria com o Campo. E, em maio, outro seminário foi realizado, sendo que este para a elaboração do estatuto e regimento interno da RCS.

Ainda para capacitar a comissão e os centros, de janeiro a julho de 2001, a Empresa Júnior, da Pontifícia Universidade Católica (PUC), foi contratada para uma consultoria e auxiliou na elaboração do Plano de Negócios da RCS, além de passar informações sobre administração de negócios, técnicas de venda de produtos e serviços, entre outros assuntos. A apresentação do Plano aos grupos foi feita em julho, e já contava com mais um centro na RCS, o de Oswaldo Cruz.

Em setembro de 2001, a Rede de Centrais de Serviço foi inaugurada, com a sede em uma grande sala cedida pelo Sindicato dos Ferroviários, na Rua Senador Pompeu, nº 196, no Centro do Rio de Janeiro, região considerada estratégica para facilitar o acesso dos cooperados e clientes. Dentro da missão da RCS, está a busca da qualidade de vida dos seus integrantes e atender às necessidades de pessoas físicas e jurídicas, prestando serviços, com excelência, criatividade, responsabilidade, honestidade, e com pontualidade e transparência nos procedimentos.



*Inauguração  
da RCS –  
setembro 2001*

A RCS ganhou a adesão de outros dois centros no primeiro semestre de 2002, os CFPs da Rocinha e de Campinho, e hoje possui 58 mulheres e homens cadastrados e formados em cooperativismo popular, oferecendo serviços de costura, artesanato, produtos alimentícios, limpeza e conservação, e construção civil. Os clientes atendidos são empresas, organizações não governamentais e pessoas físicas, que ligam através do telefone 2263-1654, solicitando o atendimento. A secretária, então, encaminha o pedido à central mais próxima do cliente ou àquela que possui a mão-de-obra disponível, e o cooperado entra em contato para marcar uma visita e fazer o serviço. O pagamento acima de R\$ 100,00 é feito através de uma boleta bancária emitida pela central. Do valor pago, 15% são descontados para cobrir as despesas da RCS. Ao final do ano, se houver lucro, ele é dividido com todos os cooperados em dia com a cota parte (R\$100,00).

Para o diretor da RCS e cooperado, José Carlos Dionizio, do CFP de Jardim Primavera, em Duque de Caxias, a criação da Rede de Centrais de Serviços trouxe uma melhoria na renda dos trabalhadores. "Pelo menos 25% a mais do que se ganhava antes, além de ter ampliado as oportunidades de trabalho. Nós acreditamos que vai melhorar ainda mais em 2003. Mas é importante que o cooperado busque formas de ter novos clientes

e cuidar dos que já existem, afinal em uma cooperativa todos são responsáveis pelos resultados", recomendou. Ele também destacou a importância dos conceitos de autogestão e de auto-sustentação, pregados pelo Campo e utilizados pela RCS, para que a organização coletiva tenha profissionais crescendo juntos. "Esse é o nosso diferencial", enfatizou.

Na RCS existe a preocupação com a qualidade do serviço prestado. Regularmente, são oferecidos cursos de qualificação e reciclagem aos cooperados, principalmente em parceria com o Senac e o Senai. O cliente também pode dar a sua opinião, por escrito ou através do telefone, sobre o serviço.

Para facilitar a divulgação da RCS, foi criado um planejamento de comunicação social, que já produziu um panfleto distribuído, via mala-direta, a potenciais clientes, e ainda foram feitas inserções de anúncios publicitários em jornais de pequena circulação, além da permanente propaganda chamada de boca-a-boca.

*“ O apoio do CAMPO à RCS e ao PROFEC foi de extrema importância, tanto em nível de fortalecimento do grupo, quanto na construção de conceitos como autogestão e auto-sustentação. Isso nos proporcionou transformar sonhos em realidade, principalmente no trabalho com as comunidades de baixa renda, onde, a partir de nossa contribuição, colaboramos para a melhoria na qualidade de vida dos mesmos. ”*

**José Carlos Dionizio**

*Representante do Profec e da Rede de Centrais de Serviços – RCS*



*Votação na  
Cinelândia  
– A favor  
ou contra  
as cotas?*

## Campo e Rede promovem Plebiscito Popular sobre reserva de vagas nas universidades públicas

O Campo e a Rede de Centros Comunitários de Formação Profissional do Grande Rio realizaram, no final de 2001, um plebiscito popular, em duas etapas, sobre o sistema de cotas para negros e pardos nas universidades públicas. A lei reserva 40% das vagas dos cursos de graduação para este público.

A primeira consulta foi feita no dia 19 de novembro (véspera do Dia da Consciência Negra na cidade do Rio de Janeiro), na Cinelândia, em frente à Câmara dos Vereadores, e mostrou que das cerca de 670 pessoas que votaram, 56% aprovaram a reserva de vagas e 44% foram contra.

Na segunda etapa, realizada de 6 a 9 de dezembro, na 41ª Feira da Providência, no Riocentro, os visitantes inverteram o resultado, sendo que, dos 662 votos, 42% disseram ser a favor da cota e 58% se mostraram contrários.

O objetivo principal do plebiscito foi suscitar a discussão sobre a educação no país e discutir a questão da democratização do acesso ao ensino de qualidade no Brasil. Dados do IBGE, da época, indicavam que 44% da população brasileira era negra ou parda. Apesar disso, menos de 3% chegavam ao Ensino Superior.

## Campo mobiliza e capacita moradores no projeto APD Rio

O Campo foi convidado pela Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, em abril de 2000, a participar do Programa de Apoio às Populações Desfavorecidas nas regiões metropolitanas do Rio de Janeiro (APD-Rio), que conta com o apoio da União Européia e abrange cinco comunidades das Zonas Oeste e Sul do município. O objetivo do projeto é urbanizar e construir equipamentos de utilidade social, qualificar e estimular a formação de cooperativas de trabalhadores, criar linhas de crédito para pequenos empreendimentos e habitação, promover a educação e a cultura, e fortalecer a organização comunitária nas localidades.

A participação do Campo começou através de um diagnóstico feito nas comunidades Vila Moretti, Vila São Bento, e Vila União da Paz, em Bangu; e Vila Parque da Cidade, na Gávea, para avaliar a existência de uma base comunitária e a viabilidade de criação de centros comunitários de formação profissional. Mesmo sendo o percurso inverso ao que o Campo normalmente faz, ou seja, de atender à demanda vinda dos grupos sociais, o desafio foi aceito e a instituição entrou no projeto, que já contava com o trabalho de outras entidades da sociedade civil organizada.

Em março de 2002, o Campo intensificou o seu trabalho de mobilização dos moradores das cinco localidades para uma gestão participativa dos equipamentos que serão construídos, como centros comunitários, quadra poliesportiva e a rádio comunitária Pedra Branca FM, da qual o Campo é integrante do conselho deliberativo. Desde abril, o Campo vem promovendo reuniões com as lideranças de moradores, procurando estimular novas participações na comunidade e também envolver as instituições locais no projeto.

Para facilitar a visão de como funcionam uma rádio e um centro comunitário, foram promovidas, de maio a agosto de 2002, visitas das comunidades aos centros de formação profissional assessorados pelo Campo e à Rádio Interativa FM, que fica no Centro Comunitário de Formação Profissional do Conjunto do Campinho, em Campo Grande.

No mês de setembro, o Campo começou a fazer um levantamento junto aos moradores de que atividades seriam desenvolvidas nos centros comunitários, para que as obras do projeto pudessem contemplar essas expectativas. Além disso, o Campo encaminhou à prefeitura uma proposta de co-gestão da administração dos equipamentos, para que as comunidades possam tomar decisões em parceria com o poder público municipal, tendo a assessoria do Campo.

*Cristiano  
Camerman e  
Fritz Pfeiffer –  
1992*



## Cumprimentos pessoais de Fritz Pfeiffer pelos 15 anos do Campo

O meu primeiro encontro com Cristiano Camerman aconteceu no ano de 1984, no período anterior à fundação do Campo. Eu trabalhava, então, numa agência de viagem alemã e estava procurando uma proposta de desenvolvimento que pudesse ser apresentada a visitantes alemães interessados, por exemplo, em ver um projeto auto-gerido por uma comunidade de uma favela brasileira.

Cristiano me levou à Rocinha, onde me apresentou um pequeno projeto de marcenaria. Orientados por um velho marceneiro, oito jovens oriundos da Rocinha e sem oportunidade aprendiam o ofício de marceneiro e produziam pequenos móveis, que eram vendidos a preços razoáveis na favela. Como financiamento inicial, o projeto precisava relativamente de pouco dinheiro para a aquisição de algumas ferramentas e máquinas, e, além disso, uma ajuda temporária de custo para o salário do mestre. Fiquei tão bem impressionado que prometi fazer propaganda em favor daquele projeto e enviar-lhes, da Alemanha, o dinheiro que faltava.

Naquela época, eu sabia muito pouco sobre os métodos do combate à pobreza e sobre os princípios da ajuda para a auto-ajuda. De uma forma muito amável e com paciência, o Cristiano me explicou as suas idéias. Falava sobre a necessidade de um trabalho paciente, de base, visando ao fortalecimento e à estabilização de iniciativas de

auto-ajuda; sobre o compromisso de apoiar as comunidades para que elas defendessem os seus direitos; sobre a importância da auto-responsabilidade dos grupos populares e sobre o princípio de somente planejar projetos de ajuda, de tal maneira que eles pudessem virar independentes da ajuda externa o quanto antes, e fossem capazes de sobreviver.

A partir deste primeiro contato com o Cristiano, a minha vida se modificou totalmente. Fundei no ano de 1985, na Alemanha, a iniciativa "Ajuda para Auto-ajuda" que foi transformada alguns anos depois na S.I.S., na "Fundação de Solidariedade e Parceria Internacional". Na mesma época, eu finalizei a minha atuação profissional e passei a me dedicar totalmente, de forma voluntária, à cooperação de desenvolvimento internacional.

Quando Cristiano fundou o Campo, no ano de 1987, já existia entre nós uma cooperação estruturada, que cada vez mais foi se ampliando e se fortalecendo nos 15 anos seguintes.

Os 15 anos do Campo são para mim 15 anos de uma cooperação confiável e fiel; 15 anos de uma solidariedade internacional vivida; 15 anos de uma discussão às vezes inteiramente controversa, mas sempre frutuosa; 15 anos de experiências de êxitos menores e também maiores, especialmente ao perceber o que foi realizado com os nossos recursos, na verdade, relativamente modestos.

Os 15 anos do Campo são para mim, pessoalmente, 15 anos de uma maravilhosa amizade sempre crescente, não só com o Cristiano Camerman, mas também com o Hector Watté, o "homem da ponte", dirigindo de uma forma segura o barco do Campo, por entre todas aquelas turbulências menores e maiores.

A minha vida ficou mais rica e com mais sentido nos últimos 15 anos. Com isso, contribuíram bem o Cristiano, o Hector, e o Campo em geral, com os seus colegas engajados. Especialmente por este motivo, tenho muita gratidão a vocês, e desejo a vocês todos e aos seus muitos parceiros das comunidades carentes damage-cidade do Rio de Janeiro que o barco do Campo permaneça no rumo certo.

**Fritz Pfeiffer**

*Presidente da Fundação Solidariedade  
e Parceria Internacional – Bonn – Alemanha*

# Missão de solidariedade

**S**e o Campo está fazendo 15 anos, com uma estrada repleta de vitórias, muito se deve a esse ex-jesuíta belga, da Antuérpia, que chegou ao Rio de Janeiro em outubro de 1964, aos 20 anos, atendendo ao pedido de Roma, para desenvolver um trabalho na América Latina. Encantado com a Rocinha, a maior favela sulamericana, começou a sua atuação como padre, celebrando missas na comunidade. Logo estava engajado na luta por melhores condições de vida dos moradores. Promoveu a revitalização da organização não governamental Ação Social Padre Anchieta (ASPA); ajudou a construir a primeira creche comunitária e a implantar o primeiro Centro de Formação Profissional da Rocinha; e mobilizou a população local para mutirões, entre outras ações. Ao deixar os jesuítas em 1982, continuou o trabalho comunitário na Rocinha até encontrar amigos e formar uma instituição que teria como objetivo dar continuidade ao trabalho do movimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). No dia 1º de outubro de 1987, fundava o Centro de Assessoria ao Movimento Popular (Campo) para ajudar grupos de comunidades de baixa renda, a partir da filosofia da autogestão e da auto-sustentação. Economista, teólogo e filósofo, o nome do nosso entrevistado é Cristiano Camerman.



*Cristiano Carmeman – 2002*

## *O que o levou a fundar o Campo ?*

**Cristiano** – Na realidade, o que deu origem mesmo ao Campo foi o fato de eu ter vivido, de 1974 até 1982, um bom tempo na favela da Rocinha. Comecei trabalhando e, em seguida, morando também na comunidade. A vida junto com a comunidade me fez sentir a toda hora que a vontade de mudar tinha que partir dos moradores, de suas lideranças, e de quem estava vivendo com eles.

Profissionalmente, eu trabalhava no Instituto Brasileiro de Desenvolvimento (IBRADES), neste mesmo período (74 a 87) como professor de Economia, de Sociologia e de questões eclesiais, e isto me permitiu vivenciar em várias partes do país, praticamente todos os

estados, a construção das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). Os cursos eram dados a grupos de padres, freiras, bispos engajados, críticos, e a vida destes grupos junto às CEBs era algo que me interessava demais e me permitia fazer os paralelos com a minha vida na Rocinha, embora a maioria destes grupos de igreja fosse do interior do Brasil, enquanto que a Rocinha era em uma grande cidade. Quase todos os anos, passava as férias na ilha de Marajó, no Pará, o que foi um grande reforço para vivenciar a realidade concreta do interior. Pude viver isto ano após ano e sentir na prática a evolução das CEBs ao longo do tempo. Estou me referindo a uma época dos governos militares, quando as CEBs incomodavam e as comunidades das cidades também, embora não posso negar que ocasionalmente sentia até um respeito por parte dos militares diante de padres que trabalhavam abertamente, sem vínculos diretos com o que eles consideravam as organizações clandestinas. Em 82, quando deixei de ser jesuíta, continuei apenas trabalhando na Rocinha até 1987 e queria realmente continuar algo que tinha dado certo. Para o IBRADES, o mais importante eram os cursos, as pesquisas. Para mim, além dos cursos e das pesquisas, o envolvimento com as comunidades era ainda mais fundamental. Queria continuar a trabalhar com a Rocinha e com as várias comunidades do Grande Rio. Nestes encontros é que estava realmente aprendendo o que me interessava. Daí fundar uma instituição com esse propósito e filosofia: o Campo.

### ***Qual a filosofia do Campo ?***

***Cristiano*** – Trabalhar com as comunidades no sentido de pensar junto, sentar e pensar, educar juntos, um trabalho por justiça, uma igualdade das pessoas, uma harmonia ecológica, uma solidariedade, uma nova cidadania etc. Na época da Rocinha, em vez de "dar o peixe" ou até "ensinar a pescar", que já seria mais correto, sempre fazia questão de ir mais longe. Tínhamos que "aprender juntos a pescar", comunidade e assessores. Até hoje, as pessoas do Campo que dão certo são as que vivem esta filosofia. Estamos junto com as comunidades. As comunidades respeitam muito esta filosofia. Como o Brasil seria diferente se em todos os lugares, em todas as comunidades de baixa renda, houvesse assessores realmente capazes de "aprender junto com as comunidades a pescar, a transformar o mundo, a viver a revolução". Nestes últimos tempos, felizmente existem algumas mudanças. Existem pessoas do serviço público que passaram a apreciar este trabalho com as comunidades. Hoje não somos considerados de oposição; nem as comunidades, nem o Campo. Hoje se pode pensar também em trabalhar juntos. Mas existem certos enganos também. O fato de optarmos em todos os níveis em trabalhar com as comunidades é apreciado por muitos, mas nem sempre representa para todos o mesmo

sentido. Há quem questione aqueles que afirmam a importância de se trabalhar com os pobres, por isso estar se tornando apenas um novo modismo, é um trabalho para os pobres e não com os pobres. São pessoas apressadas em terminar com os pobres, as comunidades periféricas, pessoas que querem ir rápido e fazer muito mais o que querem fazer e não uma construção progressiva das comunidades.

### ***Na sua opinião, no que o Campo contribuiu para a melhoria social no estado de Rio de Janeiro?***

**Cristiano** – Preferiria que a pergunta fosse "na sua opinião, em que os grupos de base e o Campo contribuíram para a melhoria social no estado de Rio de Janeiro?". O importante mesmo é a junção do Campo com os grupos de base. O Campo não existe sem os grupos. De fato contribuimos juntos, o Campo e grupos, para chamar a atenção da importância dos Centros de Formação Profissional, das creches, brinquedotecas, do grupo ecológico, todos dirigidos pelos grupos de base. Há uns 15 anos, poucos se interessavam pela formação profissional dos jovens nas favelas, mas isto já era fundamental para quem sabia ouvir as lideranças comunitárias e o Campo, que chegaram a construir realidades novas. E a continuidade destes grupos se tornou possível pela importância da autogestão e da auto-sustentação, que sempre foram uma ação bem própria de todos os que construíram esta forma de trabalhar. O Campo procurava recursos, mas os grupos de base também, para continuar o seu trabalho em conjunto. Os grupos se tornaram autônomos em termos de administração e sabiam lutar, junto com o Campo, para esta autonomia. Os grupos, junto com o Campo, formavam uma rede para lutar em conjunto com outras entidades e serem reconhecidas pelas ongs, pelos governos, como entidades crescentes, preocupadas com a auto-sustentação.

### ***Como avalia os 15 anos do Campo?***

**Cristiano** – Fomos coerentes com a nossa filosofia. O importante é que os grupos populares nos animaram muito neste sentido. O Campo começou com poucos recursos, com poucas pessoas trabalhando e alguns até voluntariamente por falta de recursos e porque tínhamos acesso a um número reduzido de grupos de base. O Campo, graças ao pedido de vários grupos, foi crescendo e hoje é uma instituição forte, sólida, com bom número de pessoas. Às vezes há um questionamento se não seria tempo de não crescer mais, em termos de número de pessoas, para podermos realmente formar uma equipe que pensa junto.

Uma coisa que achei interessante nesses 15 anos é que, ao longo do tempo, um bom número de repartições públicas, ligadas

ao nosso setor... educação, centros de formação, geração de renda, projeto ecológico, passaram a respeitar a grande criatividade dos grupos de base e a durabilidade dos seus trabalhos. Um grupo de base ligado ao Campo é um grupo que continua. Há grupos que não conseguem continuar, mas com o apoio da Rede, de vários grupos, todos se sentem animados para continuar juntos, com altos e baixos, mais com altos do que com baixos, e os grupos continuam. O pessoal das repartições públicas reconhece isto. Seria interessante continuar a multiplicação destes grupos para que os grupos de base possam existir no Rio de Janeiro inteiro.

### ***Quais os desafios do Campo neste momento?***

**Cristiano** – Muitas coisas mudaram no país nestes últimos anos. O que achamos importante é que se pudesse continuar a acreditar na revolução dos grupos de base, que estão reconstruindo a sociedade, e procurar que haja cada vez mais pessoas do setor público, dos empresários, que possam se tocar nestas revoluções de grupos de base. Nas eleições de 2002, o que mais se falou foi da criação de emprego, fazer o país crescer, aumentar o salário mínimo, melhorar a distribuição de renda, promover a saúde, aperfeiçoar o ensino, exportar mais, resolver o problema dos aposentados, diminuir a insegurança pública e combater o narcotráfico. Praticamente todos os candidatos, pelo menos de palavra, concordaram com isto. Por exemplo, criar emprego. Se o governo, se os empresários pudessem ver na prática quanto se criaria de emprego a partir dos grupos de base, a partir das creches, havendo realmente um número suficiente de creches que o Campo poderia apoiar ou o próprio governo, mas o Campo, da sua forma, com os grupos dirigindo o trabalho. Nos centros de formação profissional, quanto mais centros poderiam existir, junto com o setor público, junto com os empresários, eventualmente com a participação do Campo, nas comunidades, na favela, na periferia, centros que criariam um número de empregos.

### ***Como imagina o Campo nos próximos anos?***

**Cristiano** – Todas as linhas de atuação do Campo, educação, capacitação profissional, geração de renda, ecologia, em todos eles já estamos pensando em muitas coisas que poderiam acontecer nos próximos anos. Na educação, hoje, nós trabalhamos mais com creches, brinquedotecas, bancas de deveres. De fato, aqui, no Rio, não se pode dizer que a questão de creches está resolvida, mas já faz tempo que se trabalha nisto, que há creches autônomas já funcionando. Em muitos lugares na Baixada Fluminense, São Gonçalo, onde atuamos mais... aí se vê uma questão de

realmente continuar a multiplicar as creches, porque os governos municipais não estão dando conta, às vezes nem se preocupam tanto. Agora, na área da capacitação profissional, a coisa é um pouco diferente. Acho que o Campo teve uma grande participação junto aos grupos populares, de começar a formação profissional. Há setores municipais e estaduais que felizmente se interessam por isto, e talvez pudessem se interessar um pouco mais na própria experiência do Campo com os grupos populares. Se isto funcionou, porque não poderia continuar funcionando, pelo menos em grande parte, do mesmo jeito? Os grupos pensam na formação profissional, o Campo junto com os grupos, e os governos poderiam apoiar estas duas entidades, para multiplicar esta formação. E de uma forma mais avançada, os próprios grupos, como já disse, são capazes realmente de levar isto para frente e de ter durabilidade neste trabalho.

Em relação a geração de trabalho e renda, é muito difícil hoje, nas grandes cidades, criar cooperativas, que, depois da formação profissional, vão permitir as pessoas, pela falta de emprego, gerarem renda por si próprias. Mas não é impossível. Estamos trabalhando nisto. O Campo acredita que estes empreendimentos terão sucesso se investir no setor de serviço, de pequeno porte.

Em relação ao projeto ecológico, para o Campo é uma coisa mais recente, mas acho, modéstia à parte, que o Campo oferece uma coisa muito melhor construída que muitos projetos que existem em papel, mas onde poucas coisas acontecem. O que queremos realmente é que a maioria dos jovens, começando na Baixada onde está o projeto, possam participar deste projeto, e aprender na prática a viver a ecologia.

Quanto à atuação do Campo na área administrativa, temos de fato uma longa e importante experiência, especialmente com a parceria Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social (SMDS). Eles aparentemente estão gostando demais deste trabalho do Campo. As pessoas da SMDS que freqüentam o Campo aparentemente gostam da maneira eficaz, fraterna com a qual trabalhamos neste setor. Este serviço bem concebido poderia, no futuro, também crescer a partir dos grupos interessados.

***Uma mensagem a todos que, de certa forma, contribuíram para o Campo estar completando 15 anos...***

***Cristiano*** – Eu diria que podíamos continuar com a mão na massa com os grupos populares.

# É muito bom ter você em nossa caminhada

ABONG – Associação Brasileira de Organizações Não Governamentais • Ação Social Pe Paschoal Bianco – SP: Brinquedoteca Casa dos Sonhos • Ação Social Zumbi dos Palmares – SP: Brinquedoteca Magia dos Brinquedos • ACIBRO – Associação Comercial e Industrial do Bairro da Rocinha • AMABB – Associação de Moradores do Bairro Barcelos – Rocinha • AMAS – Associação Metodista de Ação Social – Rocinha • APHERJ – Associação dos Hortifrutigranjeiros • API-AIDS – Associação Petropolitana Interdisciplinar de Aids • Art-Creche • Arte ao Vivo • Arte e Artesanato – Jd. Catarina • ASBAMTHO – Associação Sino-Brasileira de Acupuntura, Moxabustão e Terapias Holísticas • ASPA – Ação Social Padre Anchieta – Rocinha: Brinquedoteca Peteca • ASPAM • Asplande • Associação Beneficente São Martinho – Niterói • Associação da Criança Surda – Vila Isabel • Associação de Moradores da Cachoeirinha • Associação de Moradores da Estrada Moriçaba • Associação de Moradores da Fazenda Botafogo • Associação de Moradores da Pedreira • Associação de Moradores de Jardim Boiúna e Adjacências • Associação de Moradores de Jardim Catarina • Associação de Moradores de Oswaldo Cruz • Associação de Moradores de Rancho Fundo • Associação de Moradores de Vila do Céu • Associação de Moradores do Conjunto da Marinha • Associação de Moradores do Jacaré • Associação de Moradores do Morro dos Cabritos • Associação de Moradores do Parque São Bento • AMAT – Associação de Moradores e Amigos de Tinguá • Associação Metalúrgica de Jardim Catarina • B.M.Z. • Balcão Sebrae – Viva Rio da Rocinha • BID – Banco Interamericano de Desenvolvimento • C.A.I.J. – Pendotiba • C.B.M. – Maria da Graça • C.M. Jardim Beira Mar – Parada de Lucas • CAAL – Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade • Candelária da Mangueira • Cantagalo • Casa da Passagem e Apoio à Criança – Sta. Izabel • Casa da Paz – Vigário Geral • Casa de Lázaro • Casa do Menor São Miguel Arcanjo • CDDH – Centro de Defesa dos Direitos Humanos • CDI – Comitê para Democratização da Informática • CEDAC • CEDRI – Centro de Desenvolvimento Rural Integrado • Cefetec • CEMASI Abrigo Morada da Alfândega • CEMASI Ayrton Senna • CEMASI Carlos Drummond • CEMASI Casa de Realengo • CEMASI Célia Alencar • CEMASI Creche Aconchego • CEMASI Dr. Sobral Pinto • CEMASI Elenice Nunes Jacinto • CEMASI Grajaú • CEMASI Guadalupe • CEMASI Guilherme Decaminada • CEMASI Hollembach • CEMASI Jardim das Vieiras • CEMASI João Albert Lopes • CEMASI Luiz Eduardo Magalhães • CEMASI Maria Lina de Castro Lima • CEMASI Maria Vieira Bosani • CEMASI Morro do Encontro • CEMASI Mucuripe • CEMASI Nelson

Carneiro • CEMASI Padre Miguel • CEMASI Recreio • CEMASI Roquete Pinto • CEMASI Rubens Corrêa • CEMASI Silvio Hollmbach • CEMASI Sol Garson • CEMASI Stella Maris • CEMUFP – Centro de Mulheres de Favelas e Periferia do Rio de Janeiro • Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade • Centro Comunitário – CECOM – Brinquedoteca Sapeca • Centro Comunitário da Igreja Metodista – Rocinha: Brinquedoteca Sapequinha • Centro Comunitário da Rua 1 – TAI COOP • Centro Comunitário da Rua 2 – Rocinha: Brinquedoteca da Rua 2 • Centro Comunitário de Capacitação Profissional Paulo da Portela – Oswaldo Cruz • Centro Comunitário de Formação Profissional Anchieta • Centro Comunitário de Formação Profissional da Penha • Centro Comunitário de Formação Profissional da Rocinha • Centro Comunitário de Formação Profissional de Jardim Bom Retiro • Centro Comunitário de Formação Profissional de Jardim Catarina • Centro Comunitário de Formação Profissional de Jardim Primavera – PROFEC • Centro Comunitário de Formação Profissional do Conjunto da Marinha • Centro Comunitário de Formação Profissional Padre Juan – Pedreira • Centro Comunitário de Formação Profissional Padre Rafael – Conjunto Campinho • Centro Comunitário São Sebastião – Vila de Cava – Nova Iguaçu • Centro Cultural Comunitário Peixinho Dourado • Centro de Estudos da Saúde Projeto Papucaia – Cachoeiras de Macacu • Centro Educacional da Comunidade São Jorge • Centro Educacional de Atendimento ao Menor e ao Adolescente – Mutando – São Gonçalo • Centro Educacional Rocha Cardoso – Itaóca • Centro Profissionalizante de Jardim Boiúna e Adjacências • CERIM – Casa da Colina • CERIS • Clube de Mães Jd. Catarina • Comunidade Solidária • COOPAROCA – Rocinha • Coopcostura • COOPE – Cooperativa Mista de Produção Industrial, Trabalho e de Consumo de Petrópolis Ltda • Cooperação • Cooperativa Coopprima, nº Cooperativa Corte & Arte • Cooperativa de Ensino da Rocinha • Cooperativa de Produtoras de Frutas Secas de Campo Grande • Cooperativa de Professores de Quatis • Cooperativa de Serviços Gerais de Austin • Cooperativa de Trabalho Feminino Loriman • Cooperativa Kit-Fruta • Cooperativa Mista Shangri-lá • Cooperativa Pão & Vida • Cooperativa Uni-Arte • LTDS/ Coppe – UFRJ • Creche Cantinho da Pedreira • Creche Cascos – Nova Iguaçu • Creche Comunitária Amigos do Serpa • Creche Comunitária Bairro das Palmeiras • Creche Comunitária Casinha Feliz • Creche Comunitária Coração de Maria • Creche Comunitária de Jardim Bom Retiro • Creche Comunitária de Monjolos • Creche Comunitária de São Bento • Creche Comunitária Jesus Bom Pastor • Creche Comunitária Larzinho da Pedreira • Creche Comunitária os Reizinhos • Creche Comunitária Pintinho Dourado • Creche Comunitária Projeto Lodial • Creche Comunitária São Francisco de Assis • Creche Comunitária Shallon • Creche Comunitário Tio São Sebastião Xavier • Creche da Penitenciária Feminina Talavera Bruce • Creche Santo Antônio de Pádua • Creche São José do Itamaraty • Creche Sinal de Vida •

Creches Comunitárias da Baixada Fluminense • CRESAM – Centro de Referência da Saúde da Mulher • Criança Esperança – Anchieta • CRIAR BRASIL • Cruzada do Menor – Nogueira • Delipro – Bélgica • Disop – Bélgica • Entidade Ambientalista Onda Verde • Emfras – Nova Iguaçu • Emfras – Pouso Alegre • Escola Comunitária Pedaco do Céu • Escola de Ecologia Humana e Educação para a Cidadania Herbert de Souza – Tinguá • Escola de Enfermagem da Irmã Dulce • Escola de Informática na Comunidade de Santa Marta – Botafogo • Escola de Música da Rocinha • Escola Profissionalizante do Contorno • Escolas Comunitárias São Bento • Esperança do Futuro – São Carlos • Estrela do Amanhã – Jd. Catarina • FASE • Fastenopfer – Suíça • FIA – Fundação para a Infância e Adolescência • FIRJAN – Federação das Indústrias do Rio de Janeiro • Fórum Estadual de Educação Infantil • Fórum Permanente de Educação Infantil. • Funcefeteq • Fundação Abrinq • Fundação Bento Rubião • Fundação Fé e Alegria • Fundação Leão XIII – Barreira do Vasco • Fundação Leão XIII – Vila Kennedy • Fundação Roberto Marinho • Fundanor – Palmeiras dos Índios – AL • FUNIVALE • Gaia Comunicação • Governo Belga • GRUCON • Grupo "Acorda Mulher" – Jardim Catarina • Grupo Cultural Afro-Reggae • Grupo Cultural Congo-Brazzaville • Grupo de Produção do Saçu • Grupo de Produção Labouré • Grupo de Produção Made in Casa • Grupo de Produção Mães de Caxias • Grupo de Produção União Corte e Costura • Grupo Solidarietà • Grupo Terra Nova • Kindermissionswerk • Ibama • Ibase • Igreja Católica de Tinguá • INCRA-RJ • Infosoft – Cantagalo – Rio de Janeiro – Informática • Inova Assessoria • Instituto Abelhinha Faceira • Instituto C & A de Desenvolvimento Social • Intercooperação • ISER • Lindorio – Bélgica • Misereor – Alemanha • MOGEC – Movimento de Gestão Comunitária • Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil • MPCA – Catumbi • Mulheres artesãs de Acari • Novamerica • OSCA – Cordovil • P.A.C. – Cruzada do Menor • Parque da Cidade • Parque Morada Anchieta • Projeto Cepec • Projeto Renascer • PUC – Pontifícia Universidade Católica • Quorum • Rádio Comunitária da Pedreira • Rádio Comunitária FM 88.3 – Cantagalo • RCS – Rede de Centrais de Serviços • REDE – Rede de Centros Comunitários de Formação Profissional do Grande Rio • Rede Cooperativa de Mulheres Empreendedoras da Região Metropolitana do Rio de Janeiro • Rede de Costureiras / Artesãs de Campo Grande • Rede de Difusão de Cooperativismo Popular • Rede Estadual de Educação Infantil • Reserva Biológica do Tinguá • Rits • Sandra Velas Artesanais • SCH – Sociedade Comunitária Habitacional • Sebrae • SEE – Secretaria de Estado de Educação – RJ • SEMED – Secretaria Municipal de Educação – Nova Iguaçu • SEMUAN – Secretaria Municipal de Urbanismo e Meio Ambiente – Nova Iguaçu • Senac • Senai • SEOP – Serviço de Educação e Organização Popular • Sere • Serviço Comunitário de Saúde Sementinha – Penha • Serviço de Educação e Organização Popular • SESC – Nova Iguaçu • SETRAB –

Secretaria Estadual do Trabalho – RJ • SIS – Stiftung für Internationale Solidarität und Partnerschaft – Alemanha • Sítio Semear • SMDS – Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social – Rio de Janeiro • SMTb – Secretaria Municipal do Trabalho – Rio de Janeiro • Sociedade Educacional Félix Pimenta / Colégio Joan Miró • Solidariedade França – Brasil • SOMA • SKN – Stichting Kinderpostzegels Nederland – Holanda • Terracor • União Européia • Unidade de Gestão da Comunidade Européia – Rio de Janeiro – Programa APD • UNIRR • Vidigal • Vigário Geral • Vila Moretti • Vila São Bento • Vila União da Paz • Viva Cred • Viva Rio • Vivaterra • Volens – Bélgica • W.P. Schmitz Stiftung – Alemanha • Weltfriedensdienst

**Mais do que o nome  
dessas entidades,  
queremos agradecer  
a cada uma das  
inúmeras pessoas  
maravilhosas, que  
lhes dão vida e  
sentido, e escrevem  
conosco essa  
*história em Campo.***



**//** Na época da Rocinha, em vez de “dar o peixe” ou até “ensinar a pescar”, que já seria mais correto, sempre fazia questão de ir mais longe. Tínhamos que “aprender juntos a pescar”, comunidade e assessores. Até hoje, as pessoas do Campo que dão certo são as que vivem esta filosofia. Estamos junto com as comunidades. As comunidades respeitam muito esta filosofia. Como o Brasil seria diferente se em todos os lugares, em todas as comunidades de baixa renda, houvesse assessores realmente capazes de “aprender junto com as comunidades a pescar, a transformar o mundo, a viver a revolução”. **//**

Cristiano Camerman  
Fundador do Campo



Centro de Assessoria ao Movimento Popular

**Rua Paulino Fernandes, nº 77 – Botafogo – Rio de Janeiro – RJ – Brasil**  
**CEP 22270-050 – [campo@campo.org.br](mailto:campo@campo.org.br) – [www.campo.org.br](http://www.campo.org.br)**  
**Telefax: (55) (21) 2275-4037**